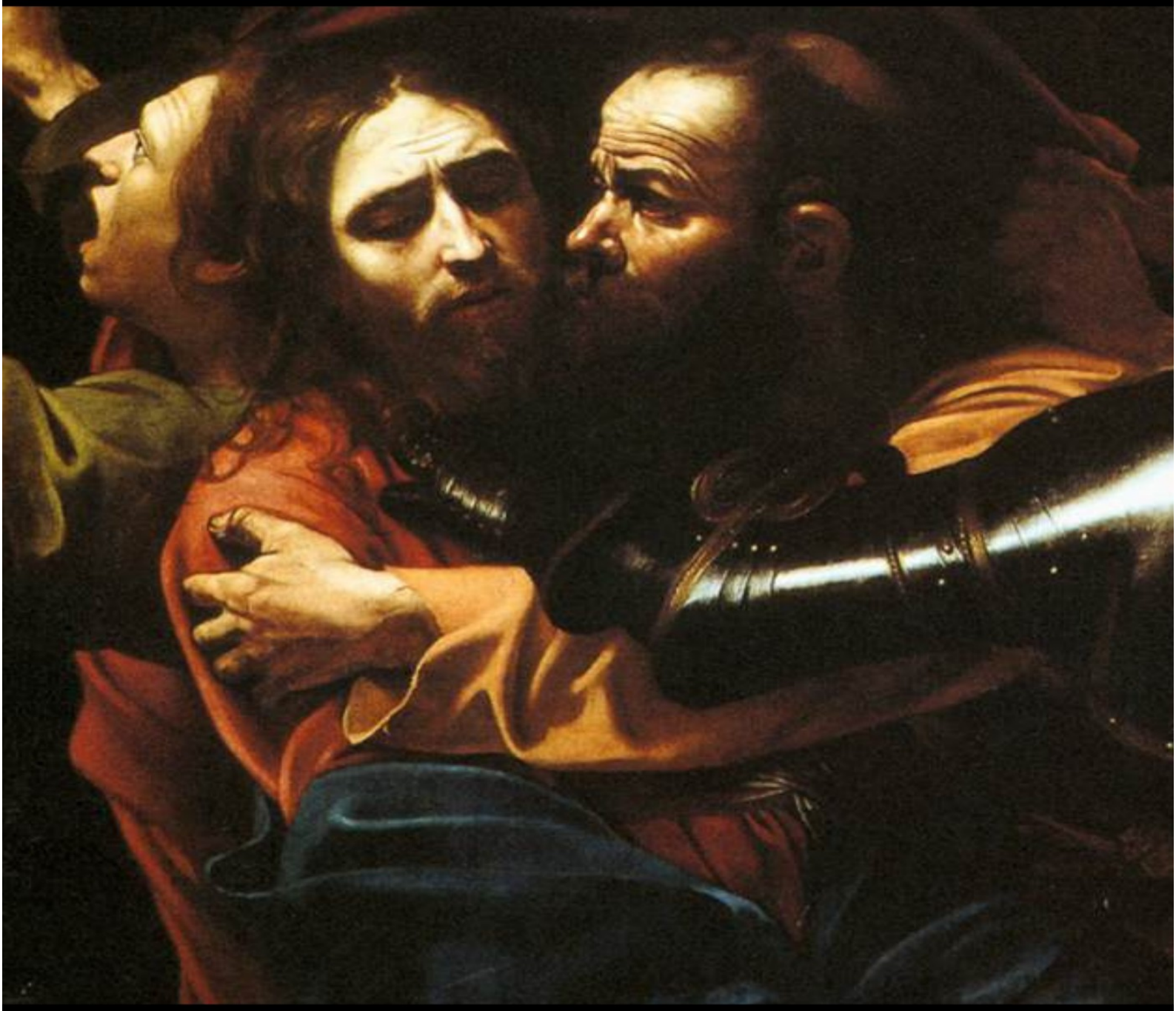
JUDAS REALMENTE TRAIU JESUS?

UMA ALTERNATIVA AO MITO DA TRAIÇÃO



PAULO SORIANO

GROTESCO & ARABESCO

© Paulo Soriano.

Leiaute da capa: Canva.

Revisão: Rogério Silvério de Faria.

Imagem da capa: Caravaggio (1571 – 1610).

Grotesco & Arabesco Editora Virtual.

2.ª. Edição.

Salvador/BA, 2024

SUMÁRIO

UMA BREVE INTRODUÇÃO.....6
1. JUDAS, UM OBSCURO.....8
1.1. Judas, discípulo de um profeta escatológico.....8
1.2. O nome de Judas Iscariotes.....10
1.2.1 Judas.....10
1.2.2 Iscariotes.....11
1.3. Judas, o traidor.....12
1.4. Por que Judas teria traído Jesus?.....14
1.4.1 Os motivos indicados pelos evangelistas.....14
1.4.2 Os motivos indicados pelos historiadores.....17
1.5. A morte de Judas.....19
1.5.1 A versão de Mateus.....20
1.5.2 A versão dos Atos dos Apóstolos.....20
1.5.3 A versão de Papias.....21
1.5.4 Uma morte misteriosa.....21
1.6. O episódio da traição: da certeza a incertezas.....22
2. PAULO *VERSUS* MATEUS.....23
2.1 Paulo: Jesus apareceu a Judas, um dos doze.....23
2.2 Mateus: Judas suicidou-se antes da ressurreição.....25
2.3 Atos dos Apóstolos: Judas caiu de cabeça e derramou no solo as entranhas.....32
2.3 A tradição mais antiga e confiável: Judas sobreviveu ao drama da cruz.....34
2.4 O episódio da traição: uma tradição tardia.....40
3. A TRAIÇÃO DE JUDAS: UM EPISÓDIO INVEROSSÍMIL.....42
3.1. Como aferir a realidade de um fato ou a autenticidade de uma afirmação contida no Novo Testamento?.....42
3.2 A participação de Judas no episódio da prisão de Jesus: algo de todo desnecessário.....49
3.3 O episódio da traição: uma história constrangedora para encobrir um constrangimento ainda maior.....53
4. NOVAS INVEROSSIMILHANÇAS.....56
4.1 O anúncio da traição: uma narrativa implausível.....56
4.2 A captura de Jesus: um evento súbito e inesperado.....59
5. A PRISÃO DE JESUS.....61

5.1 Como Jesus foi preso?.....61
5.2 Por que Jesus foi preso?.....61
5.2.1 A Páscoa: ânimos exaltados.....61
5.2.2 Jesus chega a Jerusalém.....62
5.2.3 O Sinédrio.....65
5.2.4 A missão de Jesus em Jerusalém.....67
5.2.5 A gota d'água: o episódio do Templo.....69
5.3 O episódio do Templo e suas consequências imediatas.....72
6. UMA ALTERNATIVA AO MITO DA TRAIÇÃO.....75
6.1 Prisão e morte de Jesus: uma versão alternativa.....75
6.2 O mito da traição: suas razões.....76
6.3 Uma síntese.....78
6.4. Judas, o eterno traidor.....79
7. ALGUMAS CONCLUSÕES.....80
INDICE ONOMÁSTICO E DE MATÉRIAS.....83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....88

UMA BREVE INTRODUÇÃO

A historicidade da traição de Jesus por seu apóstolo Judas Iscariotes parece ser universalmente aceita entre os historiadores que têm por certa a existência do Nazareno. Afinal — perguntam —, por que motivo os autores dos Evangelhos e dos Atos dos Apóstolos inventariam um episódio tão constrangedor como este? Assim, para a quase totalidade dos especialistas, não pode haver dúvida de que Judas realmente revelou, às autoridades religiosas de Jerusalém, o lugar onde Jesus poderia ser capturado, livre de qualquer interferência de seus seguidores e prosélitos, conforme relatam diversas fontes independentes. Estabelecida como um fato incontestável a traição, a disputa entre os historiadores se desloca para aspectos circunstanciais do episódio, como os motivos que teriam levado o discípulo, íntimo colaborador de Jesus, a entregar o seu mestre às autoridades do Templo de Jerusalém.

Mas o mais antigo registro histórico acerca da ressurreição de Jesus, escrito pelo apóstolo Paulo de Tarso, sugere, todavia, que Judas ainda era contado entre os doze apóstolos originários *logo após* o drama da Paixão. Isto está a indicar que o rigoroso teólogo cristão, para não muitos o verdadeiro fundador da Igreja de Cristo, e que mantivera contato com Pedro e com o irmão de Jesus, Tiago o Justo, ignorava completamente o relevante incidente da traição. Tal ignorância, que era compartilhada por vários núcleos cristãos primitivos, conforme atestam documentos que datam do segundo século da Era Comum, abre caminho à possibilidade de que o episódio da traição tenha sido elaborado a partir da segunda geração de cristãos para acobertar um fato ainda mais constrangedor: a súbita e humilhante captura do homem que os primeiros cristãos acreditavam ser o esperado Messias e, agora, Redentor da humanidade. Esta constatação deriva, em grande medida, da absoluta *desnecessidade* de aliciamento, por parte dos chefes dos

sacerdotes de Jerusalém, de um dos íntimos seguidores do rabi de Nazaré para localizá-lo e prendê-lo. Além disto, o incidente da traição, ao passo em que promovia a elisão da captura abrupta e surpreendente do Messias dos anais da História, reforçava a crença da origem dravídica de Jesus e, bem assim, da emergente doutrina de que este era o Redentor, o Cordeiro de Deus enviado ao mundo para remissão dos pecados.

Há, portanto, grande possibilidade de que o episódio da traição não passe de um mito. Neste opúsculo, que passa ao largo da tentativa de reabilitar o discípulo milenarmente execrado, há um esforço de elaboração de uma alternativa historicamente plausível daquilo que, abstraída a participação de Judas na captura de seu mestre, aconteceu na véspera da Páscoa (14 *nisan*) do ano 30.

1. JUDAS, UM OBSCURO

1.1. Judas, discípulo de um profeta escatológico

Judas Iscariotes é uma das mais enigmáticas e obscuras figuras da História. Sobre ele, sabemos muito pouco. E o que sabemos — ou, pelo menos, pensamos saber — envolve-se numa densa camada de mistério.

Sabemos que Judas Iscariotes, filho de Simão[1], foi um judeu que, por volta do final da segunda década da era comum, fez-se seguidor de um pregador apocalíptico que anunciava a iminente derrocada das potências terrestres, seguida do estabelecimento do Reino de Deus. Tal reino — que está no centro de toda a pregação desse profeta carismático —, ao contrário do que muitos pensam nos dias de hoje, nada tinha de celestial. Seu palco não era o Paraíso, mas a Terra. Seria insaturado num âmbito material, tangível, onde os poucos escolhidos para habitá-lo viveriam livres, em paz e harmonia, sob o pálio da justiça. E o seu utópico anunciador previa que a era dominada pela maldade estava prestes a se exaurir, já que Deus enviaria, muito em breve — naquela mesma geração[2] —, à Terra um juiz cósmico. Este juiz — o Filho do Homem —, destruindo de modo cataclísmico as forças dos maus, das quais os dirigentes do Templo de Jerusalém e a elite sacerdotal eram aliados, instituiria um reino de justiça na Terra, e nele o pregador itinerante e os seus discípulos seriam os máximos dirigentes[3].

---

[1] Jo 13:26.

[2] Mc 13:30, Mt 24:34, Lc 21:32.

[3] Vide Bart. D. Ehrman, "Jesus Existiu, ou Não?", Agir, 2012, p. 298. À pág. 292 do citado livro, Ehrman nos fornece, em poucas palavras a precisa concepção de Jesus como profeta apocalíptico. Esta consiste na visão segundo a qual ele vaticinou que "a atual era do mal estava para terminar e que, durante a sua geração, Deus enviaria um juiz cósmico da terra, o Filho do Homem, para destruir as forças do mal e todos que haviam se aliado a elas e estabelecer seu

Se o discurso sedutor desse profeta apocalíptico o encantou a ponto de abandonar família e ocupação para segui-lo incondicionalmente[4], é muito provável que Judas fosse dotado de algumas qualidades — dentre as quais a fidelidade — que o fizeram não apenas discípulo do carismático mestre, senão um de seus mais íntimos confidentes. Passou Judas a integrar um restrito círculo de doze discípulos. Denominados apóstolos, iram eles — aí incluído o próprio Judas —, num futuro muito próximo, conforme solene promessa de seu mestre, julgar as doze tribos de Israel quando instaurado na Terra o Reino de Javé[5].

Esse pregador escatológico chamava-se Jesus e era filho de José, um humilde trabalhador manual. A certa altura de sua vida, após um convívio com o profeta João Batista, deixou o seu ofício de trabalhador manual — pedreiro e carpinteiro — e, afastando-se dos familiares — mãe, irmãos e irmãs[6] —, passou a percorrer cidades e vilas da Galileia natal para anunciar a Boa Nova: a libertação de Israel estava prestes a ocorrer. O Senhor, conforme prometera a Davi (2

---

reino do bem aqui na terra." Acerca da enigmática figura do "Filho do Homem" escreve Reinaldo José Lopes ("Deus: Como Ele Nasceu", Abril, 2015, p.213): "Em sua pregação, Jesus falava frequentemente da vinda gloriosa do Filho do Homem. Alguns especialistas acreditam que, ao mencionar essa figura, o Nazareno estava se referindo não a si mesmo, mas a um enviado sobrenatural que desencadearia o Juízo Final — o papel de Jesus seria preparar o terreno para a chegada dele. Mesmo que esta hipótese esteja correta, porém, o fato é que a tradição cristã, logo depois da morte de Jesus, passou a tratar essas menções ao Filho do Homem como referências ao próprio Cristo e à sua segunda vinda à Terra, após a ressurreição". O certo é que, em algumas passagens do Novo Testamento, Jesus, ao referir-se ao Filho do Homem, fala de si mesmo (Mc 8:31; Lc 9:58); noutras, é evidente que Jesus alude a uma outra pessoa (Mc 8:38). Ehrman, analisando a dicotomia à luz do critério da dissimilaridade — desse critério falaremos no item 3.1 —, decide que o Jesus histórico falava não de si mesmo, mas de outra pessoa, de um juiz cósmico que, enviado por Javé, instauraria o Reino de Deus na Terra.

[4] Mt 19:29.

[5] Mt 19:28.

[6] Mc 6:3.

Sam, 7:8-16), interviria diretamente na Terra para, aniquilando as opressoras hostes dos invasores estrangeiros, inaugurar um reino divino e eterno. Neste reino, Jesus seria o soberano e Judas Iscariotes, assim como os demais apóstolos, teria uma função de destaque: tomaria o seu assento num trono, ao lado de seu mestre, para a governança de uma das doze tribos de Israel.

1.2. O nome de Judas Iscariotes

Essa sedutora promessa foi feita a um homem provavelmente simples e sem muita instrução — assim como, se não todos, a maioria dos apóstolos, inclusive Pedro (At 4:13) —, cuja profissão desconhecemos. Sabemos, porém, o seu nome e agnome: Judas Iscariotes (Mc 13:19 e 14:10; Mt 10:4 e 26:14; Lc 6:16 e 22:3; Jo 6:71, 12:4, 13:2 e 13:26).

Mas, por que Judas Iscariotes?

.

1.2.1 Judas

O seu nome — *Judas*[7] — era um dos mais comuns entre os judeus na época de Jesus e remonta a Judá, um dos filhos de Jacó, patriarca da tribo à qual pertencia o rei Davi e, segundo os autores dos Evangelhos de Mateus e de Lucas, o próprio Jesus. Conforme os autores do Evangelho de Lucas (6:16) e de João (14:22), um outro apóstolo de Jesus também se chamava Judas. E o próprio Jesus tinha um irmão com este nome (Mc 6:3).

[7] Em grego *Ioudas*; em hebraico *Yehûdâh* ("Louvado").

1.2.2 Iscariotes

Quanto à alcunha Iscariotes, cuja origem permanece, até hoje, misteriosa[8], várias são as teorias para esclarecê-la.

Para alguns (Schulthesse e Wellhausen), o agnome viria de *Isqarya'a*, que é a forma aramaica do grego *sikarios* — portador de *sica,*ou seja, adaga ou punhal —, da qual deriva a palavra portuguesa *sicário*, a partir do latim *sicarius*[9]. No séc. I, era o termo empregado para designar um grupo de terroristas judeus[10].

Jean-Christian Petitfils, após refutar tal hipótese, aludindo ao fato de que tais guerrilheiros não existiam no tempo de Jesus, informa que outros autores, inspirados em nomes encontrados em Palmira, *sqr* ou *shqr*, sugerem uma indicação de ordem física, mas pouco convincente: Judas, o corado[11].

Chistiane Rancé[12] acrescenta outra informação: segundo Benjamin Smith, o agnome de Judas, derivado do radical *skr*, deveria ser compreendido como "aquele que entrega", ou seja, "o traidor".

Mas a interpretação mais aceita, segundo Vamberto Morais[13], indica a localidade de onde ele seria originário: Kerioth, um lugarejo ao sul de Hebron, na Judeia. Iscariotes, portanto, derivaria de *Ish Kerioth*, que significa "homem de Kerioth". André Leonardo Chevitarese rememora que o fato de Judas e o seu pai, Simão, compartilharem a mesma alcunha (Iscariotes), conforme o testemunho de João, é relevante: tal nome seria designativo de uma

---

[8] Jean-Christian Petitfils "Jesus: A Biografia", Benvirá, 2015, p. 139.
[9]Vamberto Morais, "O Mistério de Jesus. Cristo à Luz da Religião Comparada e da História", Ibrasa, 2ª. edição, 1999, p. 254.
[10]Vamberto Morais, "O Mistério de Jesus", p. 254; Jean-Christian Petifilis "Jesus, a Biografia", p. 139.
[11] "Jesus: A Biografia", p. 139.
[12] "Jesus", L&PM, 2012, p. 230-231.
[13] "O Mistério de Jesus", p. 250.

cidade de onde os dois vinham[14]. Se esta for realmente a origem do cognome, Judas seria o único apóstolo de Jesus originário não da Galileia, mas da Judeia.

1.3. Judas, o traidor

Mas a esse homem, sobre o qual Jesus de Nazaré, que se considerava seu amigo[15], depositou uma grande confiança, e conferiu poderes para "curar as enfermidades e expulsar demônios" (Mc 3:15, Mt 10:1, Lc 9:1), atribui-se participação decisiva na sua prisão e, por consequência, no seu suplício. Judas teria traído Jesus, entregando-o sorrateiramente aos seus inimigos e algozes. Por isto, até os dias de hoje, como registra Joseph Ratzinger[16] "o simples nome de Judas suscita entre os cristãos uma reação instintiva de reprovação e de condenação."

O obscuro Judas, que, durante a vida pública de Jesus, jamais é citado nos Evangelhos — salvo quando incluído, como os demais, no rol dos apóstolos —, assume um extraordinário relevo quando a vida do Nazareno celeremente caminha para o ocaso. Afinal, ele é, conforme a narrativa uníssona dos Evangelhos, a pedra de toque que desencadeia todo o drama da Paixão. Com sua traição, Judas deflagrou toda uma série de acontecimentos que culminaram com a execução de seu mestre na cruz. Sem a sua traição, consoante a narram os Evangelhos, não haveria morte brutal, agônica e infame, nem ressurreição gloriosa. Sem Judas, não haveria, por conseguinte, a remissão dos pecados, porque esta pressupõe o sacrifício do Cordeiro de Deus no Calvário. Sem Judas e a sua traição não haveria

[14] "Da Traição à Morte de Jesus de Nazaré. Em torno de Judas Iscariotes", *in* "Jesus de Nazaré: Uma Outra História", FAPESP, 2006, p. 125.
[15] Mt 26:50.
[16] "Judas Iscariotes e Matias", disponível em http://www.hermanubis.com.br/. Acesso em 24 maio.2019.

cristianismo e Jesus não ocuparia, sequer, uma nota de rodapé na página da História.

Apesar de se constituir em condição indispensável — conforme a ótica de alguns evangelistas[17] — à fé no Cristo Remissor, a traição de Judas não deixa de ser vista como uma atitude execrável, que inspira uma repugnância universal. Como escrevem Gibson e McKinley, o crime cometido por Judas, conforme descrito nos Evangelhos, "é abominável, e mais lembrado por ser repulsivo". Os jornalistas citados rememoram que os Evangelhos contam, com diversidades de detalhes, as atitudes abjetas encarnadas pelo apóstolo traidor, que teria recebido trinta moedas de prata para entregar Jesus aos seus inimigos — um preço irrisório para quem seria um dos ministros judicantes do Reino de Deus na Terra — e que, mais tarde, para selar a sua infâmia, o traiu com um beijo[18]. E a repulsa ao discípulo traidor ainda se torna maior e mais profunda porque ele — na visão da maioria dos cristãos — cometeu, em verdade, um deicídio, crime que, de tão hediondo, não admite perdão. A traição de Judas, está, outrossim, na base do execrável antissemitismo[19]. Mais tarde, a partir

[17] Pelo menos a Marcos e a Mateus.

[18] David Gibson e Michel McKInley, "Em Busca de Jesus", Fontanar, 2015, p. 135.

[19] Eis o que escreve Vamberto Morais: "A figura de Judas teria um importante papel a desempenhar, não só como vilão do drama da Paixão, mas como estereótipo na história do antissemitismo. [...] Mais tarde, quando a Igreja separou-se por completo do judaísmo e rompeu com ele, a hostilidade contra os israelitas foi aumentando. Para muitos cristãos, não podia ser coincidência que os nomes *Judas* e *judeu* fossem quase idênticos: na verdade [...], o nome judeu vem de Judá (o mesmo nome que Judas) ou Yehuda (Judite ou Judith é o feminino de Judas e significa "mulher de Judá" ou judia). Assim, por uma fatal circunstância histórica, Judas ficou *marcado como o judeu transcendental*, vilanesco: ele se converteu 'num horror e num exemplo' (*Mashal:* Dt 28,37) no sentido penetrante da Bíblia — num sinônimo de traidor, assim como se diz uma Messalina, uma Madalena (o mito de Madalena arrependida!), um Caim ou um Hitler. Na Idade Média e depois, por uma típica cegueira histórica, nas representações da Paixão em gravuras e quadros, Judas é o único que aparece com os tradicionais 'traços judaicos' exagerados: às vezes vestes amarelas — a cor distintiva que muitos judeus eram obrigados a usar, barba e cabelos vermelhos — e — um detalhe que

do século IV, a responsabilidade de Judas dissemina-se para o próprio povo judeu. Conforme observa Petitfils[20], desenvolveu-se, no citado século, a acusação de *povo deicida* — ou seja, assassino de Deus — "que imputava a todos os judeus de todos os tempos a responsabilidade coletiva e perpétua pela crucificação de Jesus."

1.4. Por que Judas teria traído Jesus?

Mas, se Judas realmente traiu Jesus, por que motivo assim agiu? Há, aqui, mais névoas e obscuridade.

Os próprios evangelistas não estão completamente de acordo quanto aos motivos que teriam levado Judas a perpetrar tão abjeta conduta e nem mesmo quanto à voluntariedade de suas ações.

1.4.1 Os motivos indicados pelos evangelistas

Da narrativa de Marcos (14: 11) e Mateus (26:15) infere-se que o móvel da atitude de Judas está na pura e simples *cobiça*, já que este, por livre desígnio de sua vontade — livre, portanto, de qualquer perniciosa influência ou possessão satânica —, entregou Jesus ante o estímulo bem humano da promessa de ganho (Marcos) ou em troca de dinheiro vivo e pesado (Mateus).

Lucas, de sua feita, insere um elemento sobrenatural naquela atitude ao afirmar que, antes da aceitação da promessa do ganho (22:5-6), Satanás o dominou (22:3) e, portanto, obrigou-o a agir em

---

vinha a calhar — o clássico saco de dinheiro, simbolizando a cobiça do usurário judeu" ("O Mistério de Jesus", p. 251).

[20] "Jesus: A Biografia", p. 403.

conformidade com os seus desígnios (ou, se não o constrangeu completamente, ao menos orientou as suas ações).[21]

Se em Lucas Satanás determina (ou inspira) a atitude abominável do traidor, para João (6:70-71) o apóstolo Judas, segundo as próprias palavras saídas da boca de Jesus, seria não apenas avaro e ladrão: seria antes um demônio. Assim, a sua conduta estaria em perfeita conformidade e sintonia com a malignidade inerente a entidades sobrenaturais de tal natureza[22], de molde que Satanás, seu verdadeiro líder, amiúde modela seus pensamentos e ações (Jo 13:2; 26-27).

Vê-se que em Marcos e Mateus o discípulo Judas decidiu, por livre e espontânea vontade, trair Jesus e entregá-lo aos seus inimigos. Em Lucas e João, ele é o meio pelo qual Satanás opera os seus malefícios e conduz Jesus à morte na cruz. Esta última visão parece paradoxal[23]: se os eventos da Paixão estavam no plano de Deus,

---

[21] A este respeito, escreve André Leonardo Chevitarese: "Apesar de aparecer um importante dado nesta passagem [Lc 22:3-6], o qual não apareceu nas duas versões anteriores [Mc 14;10-12, Mt 26:14-15] — Jesus deveria ser entregue de forma escondida da multidão, o que parece sugerir na narrativa um certo apoio popular ao Nazareno em Jerusalém — não há como negar que a novidade está na inclusão de Satanás no texto lucano. Ele, e não Judas, é o personagem ativo. É Satanás quem leva Judas a trair Jesus. Judas é visto aqui como um eterno menor, apesar de avarento, não podendo ser responsável, pelo menos de forma plena, pelo ato da traição. Neste aspecto, há uma certa convergência aqui entre os materiais lucano e joanino (6:70-1, 13:2, 13:27)." ("Da Traição à Morte de Jesus de Nazaré. Em torno de Judas Iscariotes", p. 124.)

[22] Vide Bart D. Herman, "Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?", Ediouro, edição eletrônica, posição 801.

[23] Há uma contradição intrínseca entre a maneira aviltante como os Evangelhos retratam Judas e o seu papel na história da redenção. A respeito, escreve André Chevitarese: "Em termos conclusivos, seria oportuno retomar uma colocação feita por Erhman (2006a:93), na forma como o Novo Testamento descreve Judas: ele o apresenta como sendo a maçã podre. Todas as vezes que Judas é mencionado, sem exceção, reforça-se o seu aspecto de homem mau. No entanto, os denominados 'Evangelhos canônicos' nunca endereçaram questões especulativas em torno da sua ação, como por exemplo: (a) se Jesus morreu na

Satanás teria colaborado com aquele a quem radicalmente se opõe? Sublinhe-se que, na epístola de Paulo aos Romanos (8:31-32), é o *próprio* Deus quem entrega o seu filho ao sacrifício expiatório: "Depois disto, que nos resta a dizer? Se Deus está conosco, quem estará contra nós? Quem não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós, como não nos haverá de agraciar em tudo junto com ele?"[24]. Comentando o texto de Paulo, Joseph Ratzinger escreve: "no seu misterioso projeto salvífico, Deus assume o gesto imperdoável de Judas como ocasião da doação total do Filho para a redenção do mundo."[25]

O certo é que nenhum dos Evangelhos oferece um motivo razoável e plausível à traição de Jesus por seu apóstolo Judas (ganância; inspiração ou natureza demoníaca). Se Jesus era miraculoso e realizava tantos prodígios, dos quais Judas foi, com certeza, testemunha, e lhe havia prometido um lugar de honra quando instaurado o iminente Reino do Reino de Deus na Terra, por que motivo o trairia?

---

cruz para a salvação do mundo, então Judas Iscariotes não estaria fazendo uma ação boa quando o entregou às autoridades? (b) sem a traição não existiria prisão; sem a prisão não existiria tribunal; sem tribunal não existira crucificação; sem crucificação não existira ressurreição. Em resumo, sem a ação de Judas, o ser humano não seria salvo do pecado! Sendo assim, por que a ação de Judas foi uma coisa tão ruim? Em suma, o que ficou de Judas é fala de Mc (14:21): Teria sido melhor para este homem nunca ter nascido" ("O Tema da Traição na Documentação Antiga Cristã e o Recém Descoberto Evangelho de Judas", disponível em http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos1/andre.chevitarese.pdf). O escritor e professor Rogério Silvério de Farias ensina (texto não publicado) que, sob o ponto de vista do gnosticismo, "Judas talvez tenha sido mesmo agente de uma grande missão. Ele 'traíra' o Mestre para que a missão do Messias fosse cumprida a contento nos seus desígnios inalcançáveis, no seu fadário divino."

[24] Salvo indicação em contrário, as citações das Escrituras e as paráfrases nelas calcadas reproduzem a Bíblia de Jerusalém.

[25] "Judas Iscariotes e Matias".

1.4.2 Os motivos indicados pelos historiadores

Os historiadores modernos procuram novas alternativas para alcançar o verdadeiro móvel da atitude de Judas. Vamberto de Morais ensina-nos que, para Goguel e Paulus, Judas, imbuído da melhor das intenções e de nobres propósitos, quis antecipar os acontecimentos e obrigar Jesus a declarar-se Messias[26]. Christiane Rancé[27] agrega que, na visão de Welsausen, Judas seria um dos que esperavam o advento de um profeta guerreiro que libertaria Israel do domínio romano; assim, frustrado em suas expectativas, teria traído o seu mestre com a certeza de que, perante os soldados, Jesus teria, finalmente, recorrido às armas, e a multidão o acompanharia. Na opinião de Kausner, segundo Morais, Judas teria se desiludido com o seu mestre e o denunciara como falso profeta. Já Loisy elabora uma tese bem mais plausível: apavorado com a repressão iminente das autoridades, Judas resolve entregar Jesus e se safar da situação de perigo em que se encontrava[28].

Há uma interessante tese, defendida pelo jurista e historiador do Direito Haim Cohn, que merece menção. No episódio da prisão de Jesus, que teria sido levada a efeito por determinação romana, o Sinédrio queria, na verdade, *impedir* a execução de Jesus:

> "Centenas de gerações de judeus foram castigadas em todo o mundo cristão por um crime que nem elas nem seus antepassados cometeram. Pior ainda, por séculos, sim, por milênios, os judeus foram, devido à pretensa participação de seus antepassados no processo e na crucificação de Jesus, obrigados a suportar todas as

[26] "O Mistério de Jesus", p. 250.
[27] "Jesus", p. 231.
[28] O Mistério de Jesus", p. 250.

> inimagináveis formas de suplício, perseguição e humilhação, apesar de ser a mais pura verdade que seus antepassados não tiveram participação nisso, tendo empreendido, pelo contrário, tudo o que era humanamente possível para preservar Jesus do seu trágico fim pelas mãos dos opressores romanos, a ele que amavam de coração e reverenciavam como sendo um dos seus. Se podemos encontrar pelo menos uma centelha de consolo para essa perversão da justiça, estão as palavras do próprio Jesus: 'Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça; pois dele é o reino dos céus'. [...] O conjunto da liderança judaica, afirmo eu, só poderia naquela época ter tido um interesse vital — ou seja, evitar a crucificação de um judeu pelos romanos, especialmente um judeu que desfrutava do amor e da afeição do povo[29].

Segundo Stegemann, para Cohn, a prisão e o recolhimento de Jesus perante o Sinédrio tinham por objetivo "levar Jesus a comportar-se de tal maneira no interrogatório diante Pilatos que pudesse ser conseguida uma absolvição". O teólogo e professor alemão Heinz Kremers (1926-1988) pensa de maneira semelhante: "Os judeus não tiveram culpa nisso. Pois mesmo o sumo sacerdote, a quem se pode atribuir uma culpa conjunta na morte de Jesus, provavelmente queria [...] mover Jesus a retratar-se de sua confissão de messianidade, a fim de salvá-lo, dessa maneira, dos romanos [...]"[30]. Se Cohn[31] e Kremers estão certos, não seria absurdo especular

[29] *Apud* Wolfgang Stegemann, "Jesus e o seu Tempo", São Leopoldo, Sinodal, 2012, p. 455.

[30] Idem, p.465.

[31] Cohn, todavia, acena, como nós, para a desnecessidade de traição por parte de Judas no evento da Paixão, já que, para ele, sendo do conhecimento público que Jesus costumava meditar no Monte das Oliveiras, não seria necessário que

que uma eventual colaboração de Judas com o Sinédrio na detenção de Jesus, longe de representar uma traição, seria um gesto desesperado do apóstolo, mas ao final fracassado, de preservar o seu mestre da crucificação.

Na verdade, toda a gama de hipóteses que tenta explicar a traição de Judas não transcende o estado de simples conjectura. Como resultado de especulação, uma hipótese pode ser bem mais atraente que outra, e mesmo coincidir com a realidade fática — se, de fato traição houve —, mas não poderá ser historicamente comprovada. A rigor, ainda que tenhamos por certo o fato de que Judas traiu Jesus, os motivos da traição constituem um portentoso mistério, como reconheceu, quando chefe da Igreja Católica, Joseph Ratzinger[32]. Ehrman[33], aliás, acredita que "não temos como saber por que Judas teria feito tal coisa" e crê que questão mais interessante é saber não os *motivos* da traição, mas qual *foi*, exatamente, tal traição. Para Ehrman, que, como nós, sempre desconfiou da necessidade de aliciamento de um informante interno para indicar o paradeiro de Jesus, Judas foi a pessoa que contou às autoridades judaicas que o profeta galileu, em segredo, se autoproclamava rei dos judeus, e este foi o motivo pelo qual Pilatos o condenou à crucificação sob a acusação de crime de sedição.

1.5. A morte de Judas

Também obscura é a morte do discípulo traidor. O Evangelho de Mateus, com grande penetração psicológica, narra o que teriam sido os últimos instantes do traidor. Mas esse dramático relato, elaborado sob a premência de demonstrar que o padecimento de Jesus é o

alguém indicasse o seu refúgio.

[32] "A traição de Judas permanece, contudo, um mistério" ("Judas e Matias").

[33] "Jesus Existiu, ou Não?", p. 319.

cumprimento das antigas Escrituras, desperta fundadas suspeitas quanto à sua historicidade. No Novo Testamento, porém, há uma outra versão da morte de Judas, consubstanciada nos Atos dos Apóstolos, e, nela, o desfecho da vida do traidor é uma justa retribuição divina à enormidade de seu detestável crime. Embora apresentem elementos acidentais comuns, as duas versões são, em essência, completamente distintas — e, a rigor, inconciliáveis.

1.5.1 A versão de Mateus

Na versão de Mateus — que voltará a ser examinada adiante, no item 2.2 — Judas, sabendo da condenação de Jesus, arrepende-se amargamente do mal que perpetrara. Intenta, então, eximir-se de imensa culpa devolvendo as moedas de prata que recebera dos chefes dos sacerdotes. Mas estes se recusam a recebê-las, porque não lhes seria lícito recolhê-las ao cofre das oferendas, já que representavam "o preço de sangue". Ainda assim, o traidor atira-lhes as moedas e se retira para se enforcar. Com o dinheiro abandonado, os sacerdotes adquirem um terreno a um moleiro, que seria destinado a abrigar sepulturas de estrangeiros falecidos em Jerusalém. Dada a origem do dinheiro, que remonta ao sangue derramado de Jesus, aquele terreno seria, desde então, conhecido por "Campo de Sangue".

1.5.2 A versão dos Atos dos Apóstolos

Na versão do autor dos Atos dos Apóstolos (1:18), Judas — e não os sacerdotes —, com o preço pago pela sua traição, comprou um terreno. Mas ele caiu de cabeça para baixo sobre a terra que adquirira e se arrebentou pelo meio, derramando as suas vísceras no chão. Por isso, o terreno passou a se chamar "Campo de Sangue".

Note-se que, enquanto em Mateus a referência ao "Campo de Sangue" denota uma abstração de cunho moral, que indiretamente invoca a morte de um justo, a alusão dos Atos dos Apóstolos expressa-se direta e materialmente, porque representa o sangue de um homem, efetivamente derramado, que se espraiara sobre a terra.

1.5.3 A versão de Papias

Há uma terceira versão, atribuída a Papias de Hierápolis, cristão do séc. II, que, de tão absurda, tange o grotesco:

> Judas percorreu este mundo como um triste exemplo de impiedade; porque o seu corpo estava tão inchado que ele não conseguia passar por onde uma carroça facilmente passava. Ele foi esmagado por uma carroça, de modo que as suas entranhas se derramaram.[34]

O derramamento das entranhas sugere que a narrativa é uma versão deturpada da narrativa compilada pelo autor dos Atos dos Apóstolos.

1.5.4 Uma morte misteriosa

Afinal, como morreu Judas? Enforcou-se, arrependido e cheio de remorso, antes mesmo que Jesus expirasse na cruz? Ou, morto Jesus, comprou um terreno e nele morreu, em razão de uma fortuita queda vertiginosa? Mas é possível que Judas tenha sobrevivido ao episódio de Paixão. Veremos que Paulo estava certo de que Jesus, ressurreto,

[34] Versão em português nossa.

apareceu aos ***doze*** apóstolos e, portanto, também a ele. Se assim foi, não há como se saber como Judas realmente morreu. Vê-se que, até mesmo em sua morte, Judas é cercado de névoas e mistério.

1.6. O episódio da traição: da certeza a incertezas

Parece que a única certeza da quase totalidade dos historiadores, no que se refere a Judas Iscariotes, reside nisto: discípulo de Jesus, ele o traiu e desempenhou um papel central em sua captura e morte.

Temos, porém, fortes razões para duvidar do que parece ser um consenso quase universal. E por duas razões primordiais. A primeira está em que as mais antigas tradições cristãs, que remontam às primeiras gerações de discípulos de Jesus, sugerem que Judas estava vivo e em comunhão com os demais integrantes do grupo de apóstolos ("os doze"), após o drama da Paixão, quando Jesus, ressuscitado, a eles — aí incluído o próprio Judas — teria aparecido. A segunda reside em que o episódio da traição, conquanto atestado por diversas fontes independentes, e atender ao critério da dissimilaridade[35] (pergunta-se amiúde: que interesse teriam os evangelistas de inventar um episódio tão constrangedor quanto o de um Messias traído e entregue aos algozes por um de seus mais íntimos seguidores?), *não é verossímil:* as autoridades judaicas não teriam nenhuma necessidade de cooptar um de seus discípulos para promoverem a captura de Jesus.

[35] Quanto ao critério da dissimilaridade (ou constrangimento), vide o item 3.1, *infra*.

2. PAULO *VERSUS* MATEUS

2.1 Paulo: Jesus apareceu a Judas, um dos doze

O mais antigo dos documentos sobre a ressurreição de Cristo foi escrito pelo apóstolo tardio Paulo de Tarso, cerca de 15 a 20 anos antes da elaboração do primeiro Evangelho, o de Marcos.

Em uma carta dirigida aos cristãos da Igreja de Corinto, o apóstolo relembra aos fiéis o que lhes havia transmitido, quando da fundação daquela comunidade cristã, há quatro ou cinco anos, possivelmente no ano 50 d.C.:

> Transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi: Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. Apareceu a Cefas, e depois aos doze. Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma vez, a maioria dos quais ainda vive, enquanto alguns já adormeceram. Posteriormente, apareceu a Tiago, e, depois, a todos os apóstolos. Em último lugar, apareceu também a mim como a um abortivo. (I Coríntios 15: 3-8.)

Paulo não conheceu Jesus de Nazaré. E, de fariseu rigoroso, perseguidor implacável dos primeiros cristãos (Atos 8:3), passou ao mais importante personagem do cristianismo nascente. A abrupta conversão de Paulo à nova fé operou-se em suas primícias, provavelmente não mais de seis anos após a morte de Jesus. Desde aqueles tempos remotos, alimentava Paulo uma certeza inabalável, que orientou toda a sua atividade missionária e presidiu à elaboração

de sua profunda e sofisticada doutrina: Cristo ressuscitou entre os mortos. Mas é evidente que, por não ter, como os apóstolos originários, acompanhado Jesus de Nazaré em sua atividade religiosa, e muito menos presenciado os dramáticos fatos alusivos à sua morte e propalada ressurreição, o que Paulo de Tarso "entregou" aos coríntios foi aquilo que "recebeu" dos primeiros discípulos: Cristo morreu, foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, aparecendo primeiramente a Cefas (Pedro) e depois aos ***doze*** apóstolos.

O mais antigo dos textos sobre a ressurreição conflita, todavia, com a primeira narrativa neotestamentária a tratar do destino do apóstolo Judas, escrita, cerca de 30-35 anos após a carta de Paulo aos Coríntios, por Mateus.

Segundo o autor do Evangelho de Mateus, Judas, vendo que Jesus fora condenado, tomado de arrependimento, enforcou-se.

Note-se que Paulo não diz que Jesus ressuscitado "apareceu a Cefas, e depois aos *apóstolos*", fossem quantos estes fossem ao tempo da aparição do Senhor. Ele é bem preciso. Ele diz: "e [apareceu] depois aos ***doze***". Ou seja: enumera-os precisamente. Somente depois da aparição de Jesus a (seu irmão) Tiago, Paulo usa o termo geral "apóstolos". É bem verdade que *os doze* eram bem mais que simples discípulos escolhidos por Jesus para acompanhá-lo e testemunhar a sua missão. Eram, no princípio, uma instituição, com atribuições bem definidas nos planos missionário[36] e messiânico[37]. Uma instituição apanhada, porém, de chofre, pelo evento inesperado — abrupto, desesperador — da crucificação. Mas, a despeito disto, temos em Paulo um escritor rigoroso, preocupado com a precisão de tudo o quanto transmite aos convertidos e mantidos na nova fé. Se Paulo alude aos ***doze***, não o faz à efêmera instituição, mas aos homens em carne e osso, em sua individualidade. Refere-se aos discípulos que

[36] Mc 3:14-15; Mc 6:7-13; Mt 10:1-15; Lc 9:1-6.
[37] Mt 19:28, Lc 22:30.

partilharam da companhia e da atividade missionária do Senhor, e que, por isso, foram honrados, com preeminência, com a visão do Cristo ressuscitado. Quando Paulo assevera que Jesus "apareceu a Cefas, e depois aos doze", não pode haver dúvida de que, para ele, eram realmente ***doze*** os apóstolos a quem Jesus apareceu, e Judas estava, evidentemente, entre eles. Estivesse Judas morto, ou foragido, na ocasião, e disso Paulo soubesse, certamente faria a alusão genérica aos apóstolos (como o fez em seguida, referindo-se a uma segunda aparição), ou diria simplesmente: *aos onze*[38].

2.2 Mateus: Judas suicidou-se antes da ressurreição

Como, portanto, resolver a contradição entre o que disse Paulo e o que escreveu o autor do Evangelho de Mateus? Porque completamente antagônicos os fatos, estes não são suscetíveis de conciliação: Paulo diz que Jesus ressuscitado foi visto pelos doze: portanto, por Judas; Mateus, que Judas se enforcou no mesmo dia em que Cristo foi crucificado. Um dos dois autores cristãos está errado. Ou Paulo ou o autor do Evangelho de Mateus. Mas, qual deles?

Poder-se-ia argumentar: é preferível a versão de Mateus, já este que fazia parte dos doze, ao passo que Paulo de Tarso nem mesmo conheceu pessoalmente Jesus de Nazaré.

---

[38] É "aos onze" — aos doze menos Judas — que o autor do final longo de Marcos se refere, com precisão, quando da aparição de Jesus aos apóstolos após a ressurreição. O final longo, acrescentado ao texto do Evangelho de Marcos, foi escrito em momento muito posterior à epístola paulina e reflete a crença da morte (ou deserção) de Judas antes da ressurreição. Se Paulo soubesse do episódio da traição, por que escreveria *doze* em vez de *onze*? A referência de Paulo aos *doze* só faz sentido se a convicção de que Judas estava em comunhão com os demais apóstolos ao tempo da aparição do Cristo ressuscitado era a crença vigente à época da redação da epístola; ademais, indica que a traição e morte de Judas constitui-se numa tradição elaborada posteriormente.

Note o leitor que nós nos referimos ao "autor do Evangelho de Mateus" e não ao apóstolo Mateus. E por uma boa razão. O apóstolo Mateus não escreveu o Evangelho que leva o seu nome. É possível que, como o mais culto dos apóstolos, tenha escrito um texto cristão em aramaico, como, aliás, afiança Irineu de Lião[39]. Mas, esse texto, se existiu, não é o Evangelho que chegou aos nossos dias.

Na verdade, é quase certo que *nenhum* dos Evangelhos atribuídos a apóstolos (Mateus e João) foi escrito pela pessoa que o denomina. São obras produzidas não pelos primeiros discípulos — como é o caso de Mateus e João —, mas por uma muito culta geração posterior, impulsionada, talvez, pela premente necessidade de conservar a tradição oral dos ditos e feitos de Jesus, já que os remanescentes das primeiras gerações de cristãos agora feneciam.

Há vários motivos para se crer nisto.

Em primeiro lugar, sabe-se que os Evangelhos foram escritos em grego, e não em aramaico, a língua falada pelos primeiros discípulos de Jesus. A elaboração de um evangelho, necessariamente complexa, requereria de seu autor não apenas o domínio do idioma grego, senão uma formação cultural imensamente superior à de judeus incultos, quase todos analfabetos[40], pertencentes às camadas sociais mais baixas da Palestina, como era a generalidade dos primeiros seguidores de Jesus[41]. Mateus, um publicano (coletor de impostos[42]), possivelmente recebeu uma educação que lhe permitia ler e escrever em aramaico. Com certeza, saía-se bem com os números, mas a sua cultura, provavelmente, não ia muito além do

[39] Segundo Irineu, Mateus teria escrito um evangelho para os hebreus em aramaico.

[40] Tais quais os simples pescadores Pedro e João; cf. At 4:13: "Ao verem a intrepidez de Pedro e de João, e verificando que eram homens *iletrados e sem posição social*, ficaram [o sumo sacerdote Anás, Caifás e outros familiares] admirados." (Grifou-se.)

[41] Cf. Bart D. Ehman, *Como Jesus se tornou Deus*, São Paulo: Leya, 2014, p.124.

[42] Mc 2:14; Mt 10:3; Lc 5:27.

necessário ao exercício da profissão, esta, aliás, de grande prestígio social e bem remunerada.

Em segundo lugar, os Evangelhos foram redigidos entre 65 e 95 d.C. O de Mateus, especificamente, conforme apontam os historiadores modernos, foi escrito entre 80 e 90 d.C., quando o apóstolo, com grande probabilidade, já devia ter morrido.

Finalmente, se Mateus foi testemunha ocular dos acontecimentos, não teria a necessidade de se basear, fundamentalmente, em textos mais antigos para redigir o seu próprio evangelho. Em verdade, o redator do evangelho que leva o nome de Mateus reproduziu, em boa parte, quase palavra por palavra, o evangelho atribuído a Marcos, que o precedeu em cerca de uma década. O material contido neste último, aliás, encontra-se reproduzido não apenas no Evangelho de Mateus, mas, igualmente, no de Lucas. O redator de Mateus louvou-se, ainda, em outra fonte escrita, também compartilhada, quase sempre *ipsis litteris*, pelo redator de Lucas[43].

Um dos seguros critérios para aferir-se o grau de probabilidade de existência de um fato histórico é o da atestação múltipla. Segundo tal critério, será grande a probabilidade de que um fato seja verdadeiro quando várias fontes, consideradas independentes entre

[43] Referimo-nos à chamada fonte Q (de *Quelle*, "fonte" em alemão). Quando se exclui dos Evangelhos de Mateus e Lucas tudo o quanto consta no de Marcos — e que, portanto, deriva dele —, encontra-se um resíduo que é exclusivo de cada um dos Evangelhos (como as narrativas da infância) e outro que é comum a ambos os livros (constituído sobretudo de ditos atribuídos a Jesus). Este último resíduo é a chamada fonte Q, que, no passado, deveria constituir um evangelho autônomo, hoje perdido. Marcos é considerado uma fonte primária porque não reproduz material de outras fontes escritas conhecidas. Da mesma forma, a fonte Q e o material exclusivo de Mateus (chamado M) e Lucas (chamado L). João também é considerado uma fonte primária. Mt e Lc são, logicamente, fontes secundárias. Portanto, as fontes primárias (autônomas e não derivadas) dos Evangelhos são: Mc, Q, M, L e Jo (Cf. Vamberto Morais, *O mistério de Jesus*, p. 344).

si, o atestam[44]. Segundo os Atos do Apóstolos (1:18), Judas realmente encontrou uma morte trágica, sendo, posteriormente, substituído por um antigo discípulo de Jesus, Matias. Assim, o livro dos Atos, escrito independentemente do de Mateus, aparentemente o confirma. Mas as circunstâncias da morte de Judas, nos Atos dos Apóstolos, divergem tanto daquelas narradas em Mateus que parecem registrar, como já o dissemos, um fato *absolutamente distinto*, apenas coincidente no que se refere ao próprio evento morte (súbito e cruel) relacionado a um terreno nominado "Campo de Sangue".

Os Evangelhos harmonizam-se, em linhas gerais, quanto aos acontecimentos que precipitaram a prisão de Jesus. Nas proximidades da Páscoa, Judas Iscariotes procurou os principais sacerdotes, membros influentes do Sinédrio, prometendo entregar-lhes o seu mestre em troca de dinheiro ou de sua promessa[45]·. E, durante a Ceia de Páscoa, Jesus revelou ao apóstolo que bem conhecia os seus intentos traiçoeiros[46].Vai Judas, então, de imediato[47], ao encontro dos membros do Sinédrio. De volta, dirigindo-se ao local onde Jesus costumava acampar[48], agora acompanhado por uma guarnição[49], identifica Jesus[50]. Jesus é preso[51] e, na manhã do dia seguinte, condenado à morte por Pilatos.

Mas, no que se refere ao destino de Judas após a prisão do Mestre, todos os Evangelhos silenciam, à exceção do de Mateus. Segundo este, Judas, "vendo que Jesus fora condenado, sentiu remorsos e veio devolver aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos as trinta moedas de prata, dizendo: 'Pequei, entregando um sangue

---

[44] Cf. J. H. Dacanal, *Jesus e as origens do Ocidente*, p. 47. Vide subitem 3.1.
[45] Mc 14: 10-11; Mt 26:14-16; Lc 22:1-6.
[46] Mt 26,25; Jo 13:27.
[47]Jo 13:30.
[48]Jo 18:2.
[49] Mc 14:43; Mt 26:47; Lc 22:47; Jo 18:3.
[50] Mc 14:44-45; Mt 26:48-49; Lc 22:47-48.
[51] Mc 14:46; Mt 26:50; Lc 22:54; Jo:18-12.

inocente'. Mas estes responderam: 'Que temos nós com isso? O problema é teu'. Ele, atirando as moedas no Templo, retirou-se e foi enforcar-se"[52] (Mt 27:3-5.)

Nos Atos dos Apóstolos, sem dúvida escritos pelo mesmo autor do Evangelho segundo Lucas, as circunstâncias da morte de Judas são completamente distintas. Conta-se, ali, que Judas, "o guia daqueles que prenderam a Jesus", "adquiriu um terreno com o salário da iniquidade e, caindo de cabeça para baixo, arrebentou pelo meio, derramando-se todas as suas entranhas." (At 1:16.)

A versão de Mateus aparenta ser mais verossímil e deixa transparecer que Judas, malgrado traidor, não esperava sinceramente que Jesus fosse condenado ("*Então [...] vendo que Jesus fora condenado*, sentiu remorsos e veio devolver aos chefes dos sacerdotes as trinta moedas de prata..."). Mediu muito mal as consequências de seu ato. Aparentemente, o desfecho com que ele contava não era aquele. Não seria o seu intento verter o sangue inocente, ser a pedra de toque que induziu ao mais doloroso e infamante dos suplícios o mestre que, perante o estreito círculo dos apóstolos, se confessara o Messias. Caiu, assim, em profundo arrependimento, tão pungente e amargo que, atirando de volta aos algozes e comparsas o produto de sua infâmia[53],

[52]Geza Vermes observa: "Aqui, como em muitos outros lugares, Mateus empenha-se em retratar a história da Paixão, perturbadora para crentes e pouco atraente para supostos convertidos, como uma sequência de eventos profeticamente previstos e providencialmente predestinados" ("A Paixão", p.54).

[53] Na narrativa de Mateus, como vimos, somos informados que os principais sacerdotes recolheram as 30 moedas atiradas pelo apóstolo compungido e compraram com elas um campo a um oleiro, já que não se lhes seria lícito metê-las no cofre das ofertas, porquanto representavam o "preço de sangue". Segundo o autor do Evangelho de Mateus, esta era a razão de o terreno ser apelidado de "Campo de Sangue". A referência de Mateus ao oleiro e às trinta moedas tem por finalidade demonstrar o cumprimento das Escrituras (Zacarias 11:13). O autor dos Atos conhece o nome dado ao terreno, mas atribui a sua origem ao sangue derramado quando, por consequência da queda, o antigo discípulo de Cristo partiu-se ao meio, rebentando-se no terreno comprado com o produto de sua

decidiu, de tão sinceramente compungido, suprimir prontamente a própria vida. Abalado por um arrependimento súbito e atroz, Judas não demorou a consumar o impulso suicida.

Conquanto nada haja de implausível na conduta de alguém que, tomado de arrependimento, por ter precipitado a morte de um amigo íntimo, comete suicídio, a narrativa de Mateus apresenta graves incongruências no que respeita à cronologia dos eventos.

A este respeito, Ariel Álvarez Valdés, teólogo e especialista bíblico argentino, escreve que o relato do arrependimento e morte de Judas situa-se fora do contexto da narrativa da Paixão[54]. Mateus principia dizendo que o apóstolo, vendo que Jesus fora condenado, se arrependeu e foi ter com os sacerdotes e anciãos *no Templo* para devolver-lhes o dinheiro de sua traição (27:3). Mas, justamente no versículo anterior, dissera que todos os sacerdotes e anciãos estavam reunidos não no Templo, mas com Pilatos, ocupados com o julgamento de Jesus. Álvarez Valdés pergunta: como pôde Judas falar com os pontífices e anciãos *no Templo*, se todos eles estavam no palácio do prefeito romano?

Isto nos mostra — prossegue Álvarez Valdés — que o episódio não pertence à narrativa tradicional da prisão de Jesus. Teve de ser criado por Mateus e ali inserido por uma razão especial. Qual? Álvarez Valdés nos confere a resposta: Mateus, que conhecia o Evangelho de Marcos, verificou que este havia deixado um vazio em sua obra. Marcos registra duas predições de Jesus na Última Ceia, sendo uma sobre a negação de Pedro (14:30) e outra sobre a traição de Judas (14:18-21). O cumprimento da negação de Pedro é narrado

---

delação.

[54] "¿Qué sabemos de la Biblia? Nuevo Testamento", Editorial San Pablo, Buenos Aires, 2007. Excerto disponível em https://www.monografias.com/trabajos96/muerte-judas-iscariote/muerte-judas-iscariote.shtml. Acessado em 22/05/2019.

adiante (14:66-72), mas Marcos nada fala quanto o trágico destino de Judas.

Mateus — prossegue Álvarez— alimentava um grande interesse em mostrar aos seus leitores como as previsões de Jesus iam-se cumprindo. E para preencher o hiato deixado por Marcos em seu escrito, compôs o funesto relato da morte de Judas. O objetivo de Mateus, que — mui provavelmente — escrevia para comunidades judaicas, residia em convencê-las de que Jesus era realmente o Messias esperado. Portanto, o evangelista esmerava-se no esforço de representar o Nazareno como o Davi desses novos tempos. Em razão disto, traça um paralelo entre Jesus e o seu ascendente Davi, decalcando o episódio da morte de Judas na narrativa da morte de Aquitofel (2Sm 17:1-3; 23). Este, amigo íntimo e conselheiro de Davi, associa-se aos inimigos do rei que pretendiam matá-lo. Mas, depois, amargurado, suicida-se por enforcamento (vide item 6.2).

Como observa Álvarez, as duas narrativas são muito semelhantes: também Judas era estreito colaborador de Jesus; a ele o mestre participava os segredos do Reino; Judas também traiu o seu íntimo companheiro, associando-se aos inimigos dele, que pretendiam matá-lo; Judas, igualmente amargurado e arrependido, se enforcou. Álvarez conclui: Mateus descreveu a morte de Judas tendo por base o relato de Aquitofel; bem por isto, não pretendeu oferecer uma informação histórica sobre o fim do apóstolo. Preferiu, sim, recriar, com Jesus e Judas, a história de Davi e Aquitofel, legando à posteridade uma mensagem de profunda dimensão: Jesus, de descendência davídica, viveu as mesmas vicissitudes de Davi porque era o *novo* Davi. Era o Messias e Salvador há muito esperado pelo povo de Israel.

2.3 Atos dos Apóstolos: Judas caiu de cabeça e derramou no solo as entranhas

Já a versão dos Atos dos Apóstolos parece lacunosa e descosida:

> Ora, este homem [Judas] adquiriu um terreno com o salário da iniquidade e, caindo de cabeça para baixo, arrebentou pelo meio, derramando-se todas as suas entranhas. O fato foi tão conhecido de todos os habitantes de Jerusalém que esse terreno foi denominado, na língua deles, Hacéldama, isto é, "Campo do Sangue".

Ao contrário da narrativa de Mateus, a referida nos Atos não vem costurada por uma lógica intrínseca, capaz de inspirar um convencimento espontâneo. Nela, conta-se que Judas, com o produto de seu crime, comprou um terreno — provavelmente para realização plena de sua cobiça —, mas não nos indica quando o fez. Talvez algum tempo não muito longo após a crucificação. Tudo indica que a queda de Judas teria sido puramente acidental. Nada indica que se tenha suicidado. Tem-se, sim, um acidente terrível: Judas caiu de ponta-cabeça, partiu-se ao meio e derramou as entranhas no chão, tingindo o solo com o seu sangue ignóbil. Sabemos, todavia, que a queda teria sido prodigiosa. E mais que isso: somos obrigados a imaginar que o corpo de Judas foi amparado por pedras pontiagudas, anavalhadas o bastante para parti-lo em duas metades e eviscerá-lo. Os Atos dos Apóstolos atribuem ao discípulo traidor uma morte pavorosa.

Álvarez Valdés[55] explica que, no Antigo Testamento, existia um gênero literário especial chamado de *mortes infamantes*, que era empregado para narrar a morte dos pecadores que se opunham a Deus e a seus projetos divinos. No livro da Sabedoria escreve-se (4:18-19):

> Viram-no com desprezo, mas o Senhor se rirá deles. Logo se converterão num cadáver desonrado, numa ignomínia entre os mortos para sempre. Ele os jogará cabeça abaixo, mudos, prostrados, sacudirá seus fundamentos, serão completamente devastados, viverão na aflição, desaparecerá sua memória.

Confrontando a passagem acima transcrita com a narrativa dos Atos dos Apóstolos, ÁlvarezValdés observa:

> Esta descrição nos dá um pavoroso quadro da morte do pecador. Recordemos que, na antiguidade, era muito importante ter uma sepultura digna, e não havia maldição pior que a que dirigida contra um cadáver.
>
> Se, agora, analisarmos detidamente este parágrafo e, bem assim, o compararmos com o que Pedro disse nos Atos, veremos que, na verdade, narra-se a morte de Judas seguindo a citação do livro da Sabedoria. De fato, Judas se converteu em um cadáver infame (já que não pôde ser dignamente enterrado); objeto do opróbrio eterno (pois a notícia se espalhou por toda parte); caiu

[55] "¿Qué sabemos de laBiblia? Nuevo Testamento". Excerto disponível em https://www.monografias.com/trabajos96/muerte-judas-iscariote/muerte-judas-iscariote.shtml. Acessado em 22/05/2019.

de cabeça (como Pedro afirma); sem que possa falar (por isso, para Pedro, Judas não se arrepende nem devolve as moedas).

A narrativa dos Atos ratifica, por um caminho tortuoso, uma tradição oral, já consolidada no Evangelho de Mateus, em voga nos anos 80-90 do primeiro século: Judas morrera na mesma ocasião (ou muito pouco depois) da morte de Jesus Cristo. Se prevalece esta última hipótese, os Atos dos Apóstolos não infirmam a possibilidade de que Judas estivesse vivo ao tempo das primeiras aparições de Jesus, relatadas por Paulo. Somente mais tarde, após a Ascensão, quando do retorno dos apóstolos a Jerusalém, é que se assenta que Judas havia morrido.

As narrativas neotestamentárias sobre a morte de Judas são, portanto, reelaborações de fatos ou sentenças abrigadas nas antigas Escrituras. Não contam um acontecimento efetivamente ocorrido. Em Mateus, a história da morte de Judas — e, bem assim, a da traição, com a qual se imbrica — interpola-se à narrativa da Paixão para demonstrar que Jesus é o novo Davi, o novo Rei de Israel, o Messias esperado; nos Atos dos Apóstolos, é suscitada para estabelecer uma morte ignominiosa ao traidor, como uma retribuição divina à sua atitude deplorável.

2.3 A tradição mais antiga e confiável: Judas sobreviveu ao drama da cruz

Mas seria esta a tradição vigente ao tempo em que Paulo escreveu sua epístola aos Coríntios?

Antes de se cristalizarem em textos escritos, as narrativas dos feitos e ditos de Jesus circularam oralmente em diversas regiões

(Palestina, bacia do Mediterrâneo, Roma) e por um longo espaço de tempo. As histórias passavam de boca em boca e eram retransmitidas aos novos fiéis e às novas comunidades de conversos. É natural que, nessa espécie de transmissão oral, os fatos ganhem nova roupagem, logrem acréscimos e supressões, ajustem-se às necessidades e às mentalidades das épocas. Ninguém duvida que, quanto mais próximas dos acontecimentos, as narrativas que os refletem contêm em si maior teor de credibilidade. As tradições mais antigas estão, assim, mais próximas dos fatos e, portanto, da verdade histórica. São, destarte, mais confiáveis. E, quanto mais antigas, mais fiáveis são.

Neste sentido, o texto de Paulo prefere ao de Mateus, e este último retrata o episódio da traição dentro de uma sequência de acontecimentos "profeticamente previstos e providencialmente predestinados", nas palavras de Geza Vermes[56]. Queremos com isto dizer que o Apóstolo dos Gentios, quando afirma que Jesus apareceu *aos doze*, registra, por escrito, uma convicção já há muito existente — e corrente na época em que escreveu a epístola — e acena para a plausibilidade da hipótese de que a narrativa da traição, desconhecida naqueles tempos remotos, trata-se, em verdade, de uma elaboração posterior.

Mas, se se supõe que Mateus[57] estava certo, somos levados a admitir que Paulo não sabia que a morte de Judas precedera a ressurreição e que, portanto, estava muito mal-informado sobre as circunstâncias da morte de Jesus. O que soaria muito estranho — quando não absurdo —, haja vista que o rigoroso Paulo, teólogo de primeira linha e crente ardoroso, não deveria alimentar, singularmente, qualquer interesse na biografia do mestre a quem

[56] "A Paixão", Record, 2013, p.54.

[57] E, também, como vimos, o redator posterior, que acrescentou ao texto de Marcos os versículos 9 a 20 do derradeiro capítulo 16 (o chamado "final longo" de Marcos). No acréscimo, o redator tardio registra que Jesus apareceu "aos onze" (Mc 16:14), indicando claramente que Judas não mais fazia parte do grupo dos doze.

dedicou a própria vida. Ora, Paulo de Tarso, três anos após a sua conversão — como ele mesmo nos conta e, enfaticamente, garante estar dizendo a verdade — empreendeu uma viagem a Jerusalém, onde se encontrou com Tiago, o irmão de Jesus, e passou 15 dias com o líder dos apóstolos, Pedro (Gal:18-19). Se a traição realmente era um fato, dele Paulo deveria ter, necessariamente, conhecimento, dada a sua imensa relevância histórica e teológica. Paulo jamais diria que Jesus apareceu a *doze* apóstolos, porquanto, naquela ocasião, Judas já estaria morto (conforme Mateus e o redator do "final longo" de Marcos), ou, *pelo menos*, desgarrado do grupo (conforme Lucas nos atos dos Apóstolos).

O erudito historiador André Leonardo Chevitarese, em acurada análise do trecho citado da primeira epístola de Paulo aos Coríntios, constata que o apóstolo afirma, textualmente, que Jesus, *imediatamente* após a ressurreição, apareceu a Cefas (Pedro) e depois aos "doze", aí incluindo o próprio Judas. Acresce que não há nada "que venha a sugerir ou indicar que Judas já estivesse morto e que Matias o tivesse substituído no momento em que Jesus apareceu aos 'Doze'", já que a escolha de Matias, relatada nos Atos dos Apóstolos, somente ocorre após a ascensão. Arremata Chevitarese que se afigura evidente que "Paulo não conhecia a história da traição de um discípulo como sendo responsável pela morte de Jesus[58]".

Ehrman escreve que o fato de Paulo mencionar que "os doze" viram Jesus após a ressurreição traz em si o significado de que ele nada conhecia sobre as histórias de Judas após a prisão de Jesus. Mas sugere uma alternativa à ignorância de Paulo: o grupo poderia continuar a ser identificado como "os doze", mesmo após a deserção (ou morte) de um de seus membros[59]. A hipótese não nos parece,

[58] "O Tema da Traição na Documentação Antiga Cristã e o Recém Descoberto Evangelho de Judas".

[59] "Jesus Existiu ou Não?", p. 123. Pergunta-se: se o grupo continuou a ser identificado como "os doze" após a retirada — seja por morte ou deserção — de

todavia, plausível. Dificilmente, na época em que Paulo escreveu a epístola aos Coríntios — cerca de 20 anos após a morte de Jesus —, os apóstolos ainda constituíam um grupo coeso. Já na sua primeira viagem a Jerusalém, Paulo não encontrou nenhum dos onze apóstolos originários, salvo o próprio Pedro (Gal 1:18-19). Como bem vislumbra Petitfils, o grupo dos doze desempenhou um papel muito pouco conhecido durante a vida pública de Jesus. Eram — os doze — homens simples, mas especialmente escolhidos para uma missão gloriosa, que não aconteceu: julgar, em vida, cada umas das tribos de Israel. O grupo, prossegue o historiador francês, "não cumprirá mais nenhum papel em seguida e acabará por se apagar da memória coletiva". E conclui: "desde a primeira geração da igreja primitiva, o grupo desapareceu. E isto é tão verdadeiro que, após a morte de Tiago, filho de Zebedeu, martirizado por Herodes Agripa no ano 44[60], ninguém pensou em completar o grupo, como havia sido feito onze anos antes, após a deserção de Judas Iscariotes." [61]

É possível que algum leitor, a partir da leitura de I Coríntios, conforme a versão de João Ferreira de Almeida, advogue que estamos incidindo em equívoco, já que Paulo, no versículo 23 do capítulo 11 da mencionada epístola, alude expressamente à traição (grifamos):

> Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi ***traído***, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e

---

Judas, por que motivo o "final longo" de Marcos alude, precisamente, aos *onze* apóstolos remanescentes e não "aos doze"? Por que motivo enxergar precisão no número dos apóstolos, ao tempo da aparição de Jesus, a um redator anônimo, que preencheu a lacuna de Marcos com tradições vigorantes em sua época, e negá-la a Paulo, autor bem mais antigo, e verdadeiro propulsor da nova religião que viria a chamar-se cristianismo?

[60] Cerca de seis anos antes da redação da epístola paulina.

[61] "Jesus, a Biografia", p. 141.

> disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim.

Conforme bem esclarece Ehrman[62], a passagem "na noite em que foi *entregue*", é tradicionalmente traduzida, como o fez Almeida, por "na noite em que foi *traído*", e tem sido interpretada como uma alusão à traição de Judas. Todavia — explica Ehrman —, a palavra que Paulo emprega (*paredōken - παρέδωκεν*) não significa *trair*, mas *entregar*. Noutra passagem, na Epístola aos Romanos, Paulo escreve que Deus não poupou o próprio filho, mas o *entregou* por todos nós (Rm 8:31-32). Portanto, conclui-se que Paulo não está se referindo, na citada passagem (I Coríntios 23:11), à *traição* de Judas. Talvez se refira à *entrega* do Messias ao poder romano por uns poucos judeus que, à época, detinham o poder político e que pretendiam, a todo custo, manter a ordem dos sacrifícios pascoais.

A tradição contida na epístola a que nos apegamos (I Coríntios 15:3-8) é *muito antiga* e circulou, de boca em boca, perfeitamente memorizada, durante dezenas de anos, antes de Paulo fixá-la em papiro e nela acrescer a sua experiência pessoal. A passagem, a partir do que se constata de sua estrutura versificada, como o demonstra Ehrman, contém uma *confissão de fé* — ou um *credo* — que consubstancia uma tradição pré-paulina remontante às primícias do movimento cristão, possivelmente aos primeiros discípulos[63].

---

[62] "Jesus Existiu ou Não?", p. 124.

[63] "Como Jesus se Tornou Deus", p. 186-189. Chevitarese escreve: "Admitindo que esta sua fala [I Coríntios 15: 3-8] possa estar associada a um antigo querigma antioquino, cuja temporalidade histórica ecoa a primeira metade dos anos trinta do século I, ela adquire, então, uma importância extraordinária. Pode-se admitir que esta passagem sistematiza uma leitura antiquíssima, provavelmente a mais antiga, o que não quer dizer que ela tenha sido a única, acerca da morte de Jesus" ("O Tema da Traição na Documentação Antiga Cristã e o Recém Descoberto Evangelho de Judas").

Significa dizer que, para os cristãos mais antigos, Jesus, logo após a sua ressurreição, foi visto por doze apóstolos e, portanto, pelo próprio Judas. E se Jesus apareceu a Judas é porque, obviamente, este não havia, então, morrido ou abandonado o grupo. Estaria, pois, em comunhão com ele e esta comunhão exclui, necessariamente, a traição. Por consequência, para os primeiros cristãos, Judas jamais traiu Jesus. A história da traição faz parte de uma tradição posterior, a nosso ver nascida da necessidade de ocultar a prisão repentina e inadvertida de Jesus, de enfatizar o propósito expiatório de sua Paixão e de ratificar a descendência davídica do Nazareno e a sua condição de novo Rei de Israel, Messias e Salvador.

Outros textos antigos parecem corroborar a evidência de que o episódio da traição não era ignorado apenas por Paulo — talvez a mais importante figura do cristianismo nascente —, mas, também, por várias comunidades cristãs primitivas. Dada da sua nuclear importância nos eventos que, conforme os Evangelhos, resultaram na morte do Messias, é significativa a circunstância de que o incidente da traição seja ignorado por diversos autores dos primeiros séculos. E isto concorre, decisivamente, em prol da tese da inautenticidade dos relatos da traição.

Aristides de Atenas, autor grego do segundo século, por exemplo, ensinava que Jesus "teve **doze** discípulos, **os quais**, após sua ascensão aos céus, percorreram as províncias do Império e ensinaram a grandeza de Cristo, de forma que um deles percorreu esta nossa região pregando a doutrina da verdade.[64]" (Grifamos.)

O Evangelho de Pedro, apócrifo do mesmo século, narra que, acabada a festa da Páscoa, no último dia dos Pães Ázimos, "nós [..], **os**

[64] Tradução de Carlos Martins Nabeto. Texto disponível em: http://apologistascatolicos.com.br/obraspatristicas/Obras/PadresSecII/AristidesDeAtenas/Apologia.htm. Observe-se que os discípulos que, após a ascensão, percorreram as províncias do Império *são os mesmos* que Jesus "teve" antes dela. Nada sugere a substituição de Judas por Matias.

doze apóstolos do Senhor, chorávamos e nos entristecíamos. Depois, cada um, angustiado por tudo o que tinha acontecido, voltou para sua casa."[65] (Grifamos.)

O Apócrifo de Tiago, igualmente do século II, relata que, após a morte de Cristo — mas em momento anterior à sua ascensão —, "os **doze discípulos** [estavam] sentados juntos e lembrando o que o Salvador havia dito para cada um deles, seja em segredo ou abertamente [..][66]"(grifamos).

Nesse mesmo livro — que parece refutar a doutrina da expiação vicária —, Tiago exorta o destinatário de seu texto (cujo nome está ilegível no papiro copta) a não o relatar para muitos, "porque o salvador não desejava contar a todos nós, seus **doze** discípulos", o que fora revelado. (Grifamos.)

2.4 O episódio da traição: uma tradição tardia

Pode-se concluir que o episódio da traição, desconhecido dos primeiros cristãos, e mesmo de Paulo, constitui-se em uma tradição *tardia*, corrente em algumas comunidades cristãs primitivas, mas completamente ignorada por várias outras.

Afinal, se Judas realmente traiu Jesus, dificilmente seria contado entre os doze, por diversas fontes independentes, logo após a morte de Jesus. Se traiu Jesus e estava vivo após a crucificação, teria abandonado o grupo ou dele teria sido expulso pelos demais apóstolos.

---

[65] Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Evangelho_de_Pedro.

[66] "A Biblioteca de NagHammadi", Madras, 2007, p. 42. Tradução de Dieter Mueller e Teodoro Lorent.

E o episódio da traição se afigura, além disso, por sua inverossimilhança, bastante implausível. É o que veremos em seguida.

3. A TRAIÇÃO DE JUDAS: UM EPISÓDIO INVEROSSÍMIL

3.1. Como aferir a realidade de um fato ou a autenticidade de uma afirmação contida no Novo Testamento?

Bart D. Ehrman encontra sólidas razões para crer que Jesus foi mesmo traído por um de seus seguidores, Judas Iscariotes. Afinal, o episódio passa facilmente por vários dos critérios utilizados pelos historiadores modernos para estabelecer a autenticidade das tradições registradas no Novo Testamento. Diversas fontes (documentos) independentes registram o episódio da traição. Além disto, ele atende ao critério do constrangimento (ou da dissimilaridade), já que, nas palavras do citado autor, a narrativa não parece ser coisa que um cristão posterior inventaria[67].

Mas que critérios seriam estes?

Citemos pelo menos dois dos mais importantes, com o apoio na objetiva explanação do culto jornalista e professor José Hildebrando Dacanal[68]:

a) O critério da multiconfirmação das fontes (ou da atestação múltipla): quando várias fontes, consideradas independentemente entre si, atestam o mesmo fato ou uma mesma afirmação, acentua-se a probabilidade de que o fato seja verdadeiro e a afirmação seja autêntica.

Assim, por exemplo, o fato de que Jesus foi condenado à morte por Pôncio Pilatos é afirmado pelos autores dos Evangelhos de Marcos e João (considerados independentes entre si) e, também, pelo historiador romano Cornélio Tácito (Anais, 15:44)[69].

---

[67] "Jesus Existiu ou Não?", p. 318.

[68] "Jesus e as Origens do Ocidente", p. 47-49.

[69] Tácito escreveu: "Assim Nero, para desviar as suspeitas [do incêndio de Roma], procurou achar culpados, e castigou com as penas mais horrorosas a certos

b) O critério do constrangimento (ou da dissimilaridade): nos Evangelhos — e mesmo em outros textos do Novo Testamento — reputam-se virtualmente verdadeiros ou autênticos fatos ou afirmações que causariam o constrangimento aos primeiros cristãos que acreditavam na divindade de Jesus. Afinal, como bem sublinha Reinaldo José Lopes[70], não há quem goste de registrar para a posteridade um fato constrangedor ou vergonhoso sobre si mesmo ou sobre outra pessoa a quem admira, salvo se o registro for indispensável. Tal critério, portanto, aponta "o material dos Evangelhos que dificilmente poderia ser inventado pela igreja primitiva, pois poderia criar constrangimentos ou dificuldades teológicas para a igreja, mesmo durante o período do Novo Testamento."[71]

Assim, por exemplo, o batismo de Jesus por João Batista. Se Jesus era divino — e, portanto, não tinha pecados — como explicar a sua submissão ao batismo "de arrependimento" para "remissão dos pecados"?[72] Como, além disso, fugir à evidência de que aquele que batiza é sempre espiritualmente superior à pessoa batizada?[73]

Dacanal[74] dá-nos um interessante exemplo: que interesse teria um evangelista em criar um episódio em que os familiares de Jesus procuram trazê-lo de volta a casa, porquanto o consideraram um desequilibrado mental? Tal registro encontra-se em Marcos (3:20-21). O constrangimento nessa passagem é tão acentuado que Mateus e Lucas, que, em grande parte, redigiram os seus Evangelhos a partir

---

homens que, já dantes odiados por seus crimes, que o vulgo chama *cristãos*. O autor deste seu nome foi *Cristo*, que no governo de Tibério César foi condenado ao último suplício pelo procurador Pôncio Pilatos" ("Anais", W. M. Jackson Inc., 1950, p. 408-409. Tradução de J. L. Freire de Carvalho).

[70] "Deus: Como Ele Nasceu", Abril, 2015.

[71] John P. Meier, "Um Judeu Marginal", Imago, vol. 2, livro um, 1996, p. 17.

[72] Mc 1:4.

[73] Ehrman, "Como Jesus se Tornou Deus", p. 133.

[74] "Jesus e as Origens do Ocidente", p. 49.

do que Marcos escrevera — muitas vezes *ipsis litteris* —, dando-se conta do problema, simplesmente omitiram a passagem embaraçosa.

Há algo, ademais, tão desonroso quanto a fuga dos apóstolos quando da captura de Jesus no Getsêmani?[75] Como, em suas exortações, poderiam os primeiros pregadores cristãos se reportar, sem constrangimento, ao abandono de seu Cristo e Salvador pelos discípulos mais íntimos que, em covarde escapadela, o abandonaram à própria sorte? O episódio, portanto, tem tudo para ser verdadeiro. E tanto é assim que Lucas, ciente da embaraçosa circunstância, omite a vergonhosa fuga em seu Evangelho. Em João, Jesus intercede pelos discípulos, que são autorizados deixá-lo (18:8). Livra-os, assim, da infâmia da evasão desesperada.

A traição de Jesus por Judas atende, sem dúvida a este critério.

Porque Judas pertencia ao grupo dos que Jesus havia escolhido como companheiros e colaboradores íntimos, Joseph Ratzinger[76] indaga: "como pode ter acontecido de Jesus ter escolhido este homem e nele tenha confiado?". E acrescenta: "Apesar de Judas ser de fato o ecônomo do grupo, na realidade é qualificado também como 'ladrão'. Permanece o mistério da escolha, também, porque Jesus pronuncia um juízo muito severo sobre ele: 'ai daquele por quem o Filho do Homem vai ser entregue."

Petitfils reputa inimaginável pensar que a traição, que em nada honrava o grupo de apóstolos, pudesse corresponder a uma pura invenção das comunidades cristãs primitivas. E informa que Celso, filósofo grego do séc. II e opositor do cristianismo, usará o episódio para atacar Jesus e pôr em xeque o seu poder de discernimento: ao escolher Judas, o futuro traidor, como apóstolo, Jesus, o Messias, sabia que ele o trairia?[77] Como poderia ser Jesus o Messias se não teve,

[75]Mt, 26:56; Mc, 14:50.

[76] "Judas Iscariotes e Matias".

[77] "Jesus, a Biografia", p. 205.

sequer, a capacidade de saber que um dos seus seguidores o trairia e o conduziria à morte? Ora, o argumento de Celso é poderoso: Jesus não prometera a todos os doze apóstolos — e, portanto, ao próprio Judas — que estes teriam um *status* de honra com o advento do Reino de Deus? Se sim, jamais poderia desconfiar de uma traição futura, que, induzindo-o a uma morte imprevista, frustraria toda a expectativa de governança divina e teocrática na Terra.

O importante critério do constrangimento, conquanto forte indicativo da realidade dos fatos e autenticidade dos discursos, presta-se melhor — assim como o da multiconfirmação das fontes —, como informa Ehrman, a um uso *positivo*, servindo para indicar quais as tradições são *provavelmente* mais confiáveis. Assim, se uma tradição não atende ao critério do constrangimento, não significa que seja, de plano, inautêntica, embora possa suscitar dúvidas[78].

Da mesma forma, embora uma circunstância satisfaça ao critério da dissimilaridade, pode não corresponder à realidade história, mormente se a narrativa tem um cunho alegórico ou se presta a finalidades doutrinárias ou teológicas.

É o caso da maldição da figueira, que aparece em Marcos (11:12-14; 20-21) e em Mateus (21:18-22), mas não em num Lucas constrangido, que recorre a uma parábola para ilustrar a doutrina escatológica que entende subjacente ao episódio (13:6-9): os que não derem bons frutos aos propósitos divinos serão extirpados e não terão lugar no iminente Reino de Deus.

Segundo Marcos, Jesus, saindo de Betânia, a caminho de Jerusalém, sentiu fome. Vendo de longe uma figueira frondosa, foi ver se nela encontraria algum fruto. Encontrou apenas folhas, justamente porque *não era tempo de figos*. E qual foi a reação de Jesus? Disse ele à figueira: "Ninguém jamais coma do teu fruto". Mateus, talvez pretendendo enfatizar a imediata eficácia dos poderes

[78] "Jesus Existiu ou Não?", p. 286.

sobrenaturais de Jesus, acrescenta um desfecho cruel: a figueira secou imediatamente[79].

Como poderia Jesus, o Messias, agir tão irracionalmente, movido talvez por simples capricho, talvez por uma ira fútil, como se fosse um menino mimado e egoísta, que só visa à satisfação de suas necessidades imediatas e não mede as consequências perniciosas de seus atos?[80]

Mas a passagem, que parece não conter uma verossimilhança intrínseca, presta-se, antes, a uma mensagem teológica de alerta: quem não serve a Jesus em sua missão de aplainar a chegada do Reino, quem não lhe presta bons frutos, está fadado a murchar como uma figueira estéril.

Esta mensagem é escatológica, e parece constituir-se numa reminiscência da vetusta pregação do Batista[81]: "o machado já está posto à raiz das árvores e toda árvore que não produzir bom fruto será cortada e lançada ao fogo". Portanto, os que não colaboram com o advento do Reino perecerão. De uma forma que nos parece descontextualizada, sem relação etiológica com o exemplo ilustrado e, ademais, topograficamente deslocada, Marcos pretende associar o episódio ao poder da fé — no que é seguido por Mateus, que

[79] Em Marcos, somente no dia seguinte os discípulos percebem a figueira seca até as raízes.

[80] Numa região tão árida como a Judeia — e a Palestina em geral —, a preservação das árvores frutíferas era uma necessidade vital. Não é à toa que Javé — que não poupa mulheres, idosos e crianças nos territórios ocupados — preserva as árvores que rendem frutos, a bem da sobrevivência de seu povo escolhido: "Quando tiveres que sitiar uma cidade durante muito tempo antes de atacá-la e tomá-la, não deves abater suas árvores a golpes de machado; alimentar-te-ás delas, sem cortá-las: uma árvore do campo é por acaso um homem, para que a trates como um sitiado? Contudo, se sabes que tal árvore não é frutífera, podes então cortá-la e talhá-la para fazer instrumentos de assédio contra a cidade que está guerreando contigo, até que a tenhas conquistado" (Dt 20:19-20).

[81] Lc 3:9.

simplesmente o copia, como de costume. Lucas, mais sensível, espiritual e historicamente, à mensagem escatológica de Jesus, reconduz o episódio ao seu devido lugar: uma parábola dentre as muitas pespegadas pelo cativante pregador itinerante.

Mesmo em histórias evidentemente lendárias, como a narrativa da infância de Jesus em Mateus, emergem episódios embaraçosos. A referida narrativa foi concebida para atender a diversos propósitos — como o reforço à crença da descendência davídica de Jesus[82] e à de sua origem divina —, dentre os quais elidir o constrangedor nascimento do Messias na insignificante Nazaré e substituí-la pela honrosa Belém, terra de Davi.

Mateus conta, nos versículos 18 e 19 do capítulo exordial de seu Evangelho, que, estando Maria, mãe de Jesus, "comprometida em casamento com José, antes que coabitassem, achou-se grávida pelo Espírito Santo. José, seu esposo, *sendo justo* e não querendo denunciá-la publicamente, resolveu repudiá-la em segredo." (Sublinhou-se.)

O que se deve entender por *homem justo* na cultura judaica? Ora, justo é aquele que observa rigorosamente as leis recebidas por Moisés. José, nas circunstâncias em que se encontrava, faltou com o seu dever perante Javé. A situação com que se deparava convergia à realização fática da norma abstratamente prevista no Deuteronômio (22:23-24):

> Se houver uma jovem virgem prometida a um homem, e um homem a encontra na cidade e se deita com ela, trareis ambos à porta da cidade e os apedrejareis até que morram: a jovem por não ter gritado por socorro na cidade, e o homem por ter abusado da mulher

[82]Vamberto de Morais, "O Mistério de Jesus", p. 33.

> do seu próximo. Deste modo extirparás o mal do teu meio.

Pode-se especular que, aos olhos de comunidades pagãs, a resolução tomada por José representasse uma atitude digna e misericordiosa. Não aos de uma comunidade judaica. Para esta, José teria intentado violar flagrantemente a lei de Deus. Seu dever seria o de denunciar a noiva, aparentemente transgressora, às autoridades. Sua conduta, portanto, seria vergonhosa aos judeus daquela época.

Vamos a um outro episódio constrangedor, mas sabidamente inautêntico, porque não passa pelo critério da verossimilhança.

Narra João (20:24-29) que o apóstolo Tomé não estava com os demais quando da primeira aparição de Jesus. Estes, então, disseram-no ter visto o Senhor. Tomé assim respondeu:

— Se eu não vir em suas mãos o lugar dos cravos e se não puser meu dedo no lugar dos cravos e minha mão no seu flanco, não crerei.

Oito dias depois, Jesus reapareceu aos discípulos. Disse a Tomé:

— Põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! Estende tua mão e põe-na no meu flanco e não sejas incrédulo, mas crê!

Respondeu-lhe Tomé:

— Meu Senhor e meu Deus!

Jesus lhe disse:

— Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram![83]

Como a ressurreição de Jesus não pode ser cientificamente comprovada, os historiadores não vislumbram autenticidade no episódio, sem dúvida constrangedor. Tomé, que presenciou milagres e prodígios, jamais acreditou no poder profético de Jesus — que

[83] Paráfrase nossa, a partir da versão da Bíblia de Jerusalém.

vaticinara a própria morte e ressurreição — e duvidava da palavra empenhada pelos demais discípulos. Como pôde o Messias escolher para apóstolo — portanto, propagador da Boa Nova — um homem de tão pouca fé? Como justificar a escolha de um íntimo prosélito obstinadamente cético, já que a fé está na base de toda doutrina e devoção religiosas? O episódio da incredulidade de Tomé, narrado por João, carrega uma considerável carga de constrangimento. Mas a exortação à fé incondicional suplanta-a facilmente.

Assim, a atestação com base no critério do constrangimento não é suficiente ao juízo de historicidade de um dado evento. Um episódio pode muito bem passar pelo seu crivo e, ainda assim, não ser autêntico. É preciso, pois, verificar se o fato narrado é, igualmente, plausível e verossímil.

3.2 A participação de Judas no episódio da prisão de Jesus: algo de todo desnecessário

Conquanto o episódio da traição passe com folga pelos critérios aludidos (multiconfirmação e constrangimento), não nos parece, porém, verossímil.

Bart D. Ehrman[84], após discorrer brevemente sobre os motivos da traição, escreve o que se segue:

> De certa maneira, uma questão mais interessante é qual foi exatamente a traição de Judas. Nos Evangelhos, ele simplesmente revela o paradeiro de Jesus para que as autoridades possam prendê-lo sem ninguém por perto. Essa pode ser a resposta mais simples, mas levanta uma

[84] "Jesus Existiu ou Não?", p. 319.

> pergunta: Por que as autoridades simplesmente não seguiram Jesus?

Portanto, conforme a arguta observação de Ehrman, nas narrativas dos Evangelhos, a função de Judas, no drama da Paixão, se resume a revelar o paradeiro de seu mestre para que as autoridades, que o contrataram com esta mesmíssima finalidade, possam capturá-

lo clandestinamente. Mas, pergunta Ehrman, se as sagazes autoridades queriam prender Jesus em segredo, por que simplesmente não mandaram segui-lo? Por que precisariam de um informante interno para revelar o seu paradeiro?[85] Vamberto de Morais observa, argutamente, que, se o profeta de Nazaré já era uma figura muito conhecida, é estranhável que os seus inimigos

[85] "Como Jesus se Tornou Deus?", p. 165. Ehrman admite a traição de Judas, mas, para esse autor, esta não consistiu na desnecessária indicação do paradeiro de Jesus, senão na denúncia de que este, secretamente, se autoproclamava o "rei dos Judeus", e isto consistia em grave crime de sedição, punido pelos romanos com a pena capital. Essa denúncia, posteriormente levada ao conhecimento de Pôncio Pilatos, o prefeito romano na Judeia, teria preordenado a morte de Jesus. Assim, Judas não teria revelado às autoridades onde encontrar Jesus; a elas, ele teria dito que Jesus chamava a si mesmo de (futuro) rei dos judeus. Sem dúvida, esta é uma hipótese engenhosa e sedutora. Porém, não podemos facilmente aceitá-la. Conforme o magistério de J. H. Dacanal ("Jesus e as Origens do Ocidente", p. 69-72), Cristo é, em grego, a tradução do hebraico/aramaico *Machiah*/*Mechiah* (Messias) e significa Ungido, ou seja, o Rei de Israel (antes de serem coroados, os monarcas israelitas eram ungidos com azeite de oliva). Explica, além disto, que, depois do desaparecimento da monarquia israelita, *Machiah*/*Mechiah* passou a designar o rei que restauraria a monarquia de Davi, o libertador de Israel, do jugo estrangeiro. Enfim, passou a identificar o libertador de Israel no fim dos tempos. Já a expressão "Filho de Deus" significa simplesmente "Rei de Israel", porquanto era o termo empregado para designar o monarca hebreu a partir do momento em que subia ao trono e se transformava no Ungido. O título "Filho de Davi", aplicado a Jesus, significa que ele é o descendente de Davi destinado a restaurar a monarquia e restabelecer a grandeza de Israel. Vermes, na "Paixão", à p. 49, diz que "Messias" e "Filho de Deus" são termos sinônimos, intercambiáveis. É interessante que, no Evangelho de João, Natanael, referindo-se a Jesus, diz: "Rabi, tu és o *Filho de Deus*, tu és o *Rei de Israel*" (Jo 1:49). Note-se que o segundo título confirma e explicita o primeiro. Ehrman insiste em que os seguidores de Jesus o chamavam de "o Filho de Deus", "o Senhor", "o Messias" e de vários outros termos, mas não de "Rei dos Judeus", sendo que não há registro de que Jesus tenha assim se autoproclamado em seu ministério. Mas, como veremos mais adiante, a par da sinonímia Messias=Rei de Israel, que se conservava e era corrente no tempo de Jesus, se este não se dizia, ao menos abertamente, "Messias", falava e agia como tal. Não é à toa, pois, que Bartimeu, o cego de Jericó, roga por Jesus, dizendo: "Jesus, *filho de Davi*, tende compaixão de mim!"

precisassem de alguém para apontá-lo[86]. A função de Judas, em toda a trama da captura de Jesus, parece absolutamente *desnecessária*.

O fato de estar Jerusalém repleta de peregrinos; o de Jesus permanecer fora dos muros de Jerusalém, cidade onde não ficaria por muito tempo; e o de Jesus haver escapado de ser preso algumas vezes e se ocultado (Jo 7:30, 44-46 , 8:59, 10:39 e 115:4), consoante quer Brown, não nos parecem, ao invés do que considera Chevitarese, bons motivos para se entender o motivo de as autoridades precisarem da colaboração de Judas para lhes indicar onde e quando poderiam capturar Jesus sem causar tumulto[87]. Na verdade, os motivos

(Mc 10:48). Ou que "a multidão dos discípulos", quando da entrada de Jesus em Jerusalém, conforme o testemunho de Lucas, tenha a ele se referido como o *rei* bendito que vem em nome do Senhor (Lc 19:38). Em ocasiões como estas, Jesus não se opôs a que assim o nominassem. A rigor, tacitamente o admitiu. Toda pregação de Jesus tem um sentido messiânico. O Reino de Deus estava prestes a se estabelecer na Terra para debelar os nefandos poderes de Roma e seus aliados. E Jesus se punha na condição de agente propulsor do novo Reino. Ele não apenas anunciava a ruptura radical da ordem estabelecida, a revolução prestes a eclodir, como se colocava no epicentro desta mesma revolução. Se ele não era o Messias, no sentido que lhe conferiam os judeus de vertente religiosa apocalíptica, quem mais o seria? Ver-se-á que Jesus falava e agia com autoridade própria e soberana (item 5.2.2): se não dizia publicamente que era o Messias, na concepção apocalíptica do advento messiânico, falava e agia como tal. Não há por que duvidar de que a elite religiosa de Jerusalém sabia — ou ao menos suspeitava seriamente — que Jesus tinha pretensões messiânicas. Tanto é assim que o instigaram a declará-lo publicamente, indagando, matreiramente, quanto à origem de sua autoridade (Mc 11:27-33; Mt 21-17). Caso Jesus se declarasse Messias e remontasse a Javé a sua autoridade — algo que, na ocasião, Jesus não o fez —, poderiam prendê-lo e acusá-lo de sedição perante o prefeito romano, já que o Messias é, também, o Rei de Israel (e, portanto, dos Judeus). Não havia, pois, necessidade de que Judas informasse (ou confirmasse) o que eles já sabiam ou, pelo menos seriamente intuíam. Uma vez preso e submetido a interrogatório, Jesus não poderia negar, como já transpiravam as suas atitudes, que se considerava Messias e monarca do Reino de Deus futuro. E foi o que aconteceu (vide Marcos, 14:61-62).

[86] "O Mistério de Jesus", p. 249.

[87] "Da Traição à Morte de Jesus de Nazaré. Em torno de Judas Iscariotes" p. 122-123.

invocados por R. E. Brown são muito frágeis. Nada disto constituir-se-ia em empecilho cuja remoção estivesse a reclamar inexoravelmente a colaboração de um íntimo discípulo de Jesus. Se, num contexto fático, para se atingir um determinado objetivo — cuja consecução apresenta alguma dificuldade —, uma ou mais possibilidades são viáveis, deve-se, obviamente, procurar o caminho mais simples. Ninguém, podendo obter um resultado por um meio mais singelo, envereda pela via mais tortuosa. Que necessidade teriam os inimigos de Jesus — conforme os Evangelhos, umas velhas, matreiras e poderosas raposas — de aliciar um de seus discípulos para lograrem a sua prisão? Se não queriam capturá-lo à luz do dia, por conta do temor de suscitar uma desnecessária rebelião popular, por que não simplesmente segui-lo furtivamente para saber onde Jesus acampava? Seria mesmo necessário cooptar um de seus companheiros? Não haveria o risco de que a tentativa de suborno restasse frustrada, com a recusa de adesão do discípulo à proposta indecorosa, e que, assim prevenido, alertaria o mestre de sua prisão iminente? Não vemos qualquer necessidade de aliciamento de Judas para alcançar-se uma informação que poderia ser facilmente obtida com uma mera perseguição furtiva (se é que as autoridades já não soubessem, como pretende Cohn, onde o incômodo rabi — um líder popular carismático — se refugiava[88]).

3.3 O episódio da traição: uma história constrangedora para encobrir um constrangimento ainda maior

Isto nos leva a crer que é bem possível — e mesmo provável — que a traição de Judas não encontre suporte fático algum. Embora bem disseminada em não poucas comunidades cristãs primitivas —

[88] O jornalista Walter Falceta Júnior, em reportagem publicada na revista *Discovery Magazine*, edição de março de 2005, informa que, para Cohn, não seria necessário que alguém indicasse o paradeiro de Jesus para prendê-lo.

várias fontes a atestam —, esta tradição não nos parece autêntica. E, apesar do embaraço que lhe é indissociável, o episódio é plenamente justificado no plano teológico e encontra necessidade de expressão na doutrina da expiação, da qual o autor do Evangelho de Marcos — assim como Paulo — era adepto[89]: Jesus é o cordeiro pascoal, cujo sangue foi derramado para a remissão dos pecados. Mas, como cordeiro algum sobe voluntariamente ao holocausto, nem a ele é conduzido violentamente, é imprescindível que alguém, sob cuja guarda e proteção se encontra — tal como no episódio de Abraão e Isaac (Gn 22, 2-10) —, o *entregue* à imolação. Como Isaac, Jesus é entregue em holocausto por alguém em que confiava; mas, desta feita, o cordeiro não será poupado. O Pai, agora, não exige fidelidade; exige o sangue redentor. E coube a Judas — ao obscuro Judas —, talvez por haver desertado do grupo em algum momento após a Paixão[90] — e atraído, por isso, a eterna ira e a repulsa dos primeiros cristãos — assumir a hedionda pecha de apóstolo traidor.

A criação da figura do traidor — perfeitamente prescindível para um homem de gênio como Paulo de Tarso —, atrelada à doutrina da expiação, pode ter sido desenvolvida por alguma comunidade de cristãos de segunda geração — e é bem provável que realmente esta seja a hipótese — para encobrir uma verdade histórica ainda mais constrangedora (que sobremodo a incomodava, e que se afigurava comprometedora do *status* messiânico e — já agora — divino atribuído a Jesus), do que a vil traição de um discípulo: Jesus não foi

[89] "Desse modo, Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos." (Mc 10:45).

[90] Jesus morreu crucificado como se fosse um facínora, o Reino de Deus não se instaurou e Judas jamais se sentaria num tono para julgar uma das tribos de Israel, conforme o Nazareno lhe havia prometido. Ao contrário de todas as expectativas, a frustrante realidade era a que Jesus morrera, humilhado, na cruz, justamente por quem o verdadeiro Messias deveria subjugar: os romanos. Haveria maior decepção do que esta? Como continuar a acreditar num Messias vencido e aniquilado? Sem dúvida, a profunda desilusão poderia constituir-se em poderoso — e plenamente justificado — motivo a uma deserção.

entregue por ninguém. Foi, simplesmente, aviltadamente capturado, de surpresa, não muito tempo depois do escandaloso incidente do Templo — em que, de modo claro e ostensivo, desafiou a aristocracia sacerdotal hierosolimitana —, e conduzido, coercitivamente, às autoridades que ordenaram a sua prisão. Ora, a apreensão humilhante do Messias não está de acordo com a dignidade de seu título e com a divindade de sua missão. É preciso, então, que o vexame seja urgentemente esquecido e substituído por um episódio que o dignifique, ainda que engendre algum embaraço. Entre a captura súbita e vergonhosa do Messias e a sua conveniente *entrega* por um de seus seguidores, não há dúvida que alguns cristãos primitivos optaram pela segunda das possibilidades — a que, afinal, acabou prevalecendo.

4. NOVAS INVEROSSIMILHANÇAS

4.1 O anúncio da traição: uma narrativa implausível

Todos os evangelistas aludem à entrada triunfal de Jesus em Jerusalém[91], cuja autenticidade é duvidosa. Não nos ocuparemos desse episódio. Nem mesmo faremos, agora, alusão à dramática — e crucial — expulsão dos vendilhões do Templo. O que nos interessa, no momento, teria acontecido, segundo os sinóticos[92], depois. Preocupa-nos, agora, a narrativa evangélica do anúncio da traição.

Assim como dezenas de milhares de peregrinos, Jesus e seus seguidores não tinham recursos para bancar uma estadia em Jerusalém. Não tinham parentes que os recebessem, nem dinheiro suficiente para encontrar alojamento em uma hospedaria. Jesus e o seu pequeno séquito ergueram acampamento fora dos muros de Jerusalém, no morro das Oliveiras[93]. Lá, não estavam sós. Sem dúvida, o próximo e aprazível local atraía uma leva d'outros romeiros, que compartilhavam o mesmo espaço de repouso noturno.

De manhã, Jesus saía do acampamento, com seus discípulos, e seguia para Jerusalém, palco de sua missão divina. É possível que as mulheres permanecessem no acampamento, mantendo guarda dos poucos pertences do grupo e cuidando dos afazeres domésticos.

Num desses dias que precediam a Páscoa, numa das incursões do grupo a Jerusalém — segundo a cronologia de Mateus, dois dias antes da Páscoa, quando Jesus já havia expulsado os cambistas e comerciantes do Templo —, Judas Iscariotes, um dos doze apóstolos, apartando-se dos demais, procurou os líderes do Sinédrio,

[91]Mt 21: 1-11, Mc 11: 1-11, Lc 19: 28-44, Jo 12: 12-19.

[92] Ou seja, os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, pela sua semelhança e paralelismo.

[93] E, também, na próxima Betânia.

prometendo entregar-lhes Jesus, o seu mestre, em troca de dinheiro. Segundo o mesmo evangelista, os sacerdotes do templo deram-lhe, de pronto, em retribuição à traição prometida, 30 moedas de prata. E, desde então, procurou o discípulo infiel um meio de entregar o seu mestre às autoridades do Templo. Sim, um *meio*! Como se a captura do mestre fosse a coisa mais difícil do mundo, e o desfecho não estivesse ao fácil alcance do poderoso Sinédrio, *sponte propria*...

No dia de celebração da Páscoa[94], à tarde, tendo Jesus se reunido à mesa com os seus discípulos, disse-lhes, enquanto comia[95]:

— Em verdade lhes digo que um de vocês me entregará.

Os discípulos, tomados de grande tristeza, começaram, cada um, a dizer-lhe:

— Acaso serei eu, senhor?

Jesus respondeu:

— Aquele que põe comigo a mão no prato — sinal de que Judas estava bem próximo ao seu mestre e senhor — é o que há de me trair.

Em Mateus, o próprio Judas, que já procurara os chefes dos sacerdotes para entregar Jesus (26:13-16), pergunta:

— Porventura serei eu, senhor?

Ao que Jesus responde:

— Tu o dizes[96].

Enquanto Lucas declina em fazer uma indicação precisa — e ostensiva — daquele que seria o traidor[97], João prefere situar a revelação num círculo mais restrito dos apóstolos. O misterioso

[94] Segundo os sinóticos. Para João, a ceia teria acontecido na véspera da Páscoa.
[95] Paráfrase a partir do texto de Marcos 14:17:19.
[96] Mt 26:25.
[97] Jesus limita-se a dizer que a mão do que o trai estava com ele à mesa.

"discípulo amado", a pedido de Pedro, tão logo ouviu o anúncio da traição, perguntou a Jesus:

— Quem é?

Jesus respondeu:

— É aquele a quem eu der uma porção embebida de molho.

Molhando a porção, Jesus a entregou a Judas Iscariotes, dizendo-lhe:

— O que você tem de fazer, faça-o depressa[98].

Nenhum dos presentes — registra João — entendeu o propósito daquelas palavras. Porque, como Judas era, segundo o evangelista, o tesoureiro do grupo[99], alguns pensavam que Jesus lhe ordenara comprar alguma coisa útil à celebração da Pascoa vindoura ou que desse alguma coisa aos pobres.

Há, aqui, algo difícil de explicar: como Jesus tomou conhecimento das pérfidas intenções de Judas? À míngua de um fato específico que implicou a descoberta, e cuja revelação seria praticamente impossível, dado o caráter sorrateiro da "venda" de Jesus pelo apóstolo traidor, os evangelistas recorrem a um fato sobrenatural: Jesus, clarividentemente, leu os pensamentos de Judas e resolveu anunciar que uma traição estava em curso. Caso tenha efetivamente revelado isto a todos os apóstolos — ou, pelo menos, a Pedro e João —, por que motivo os comensais não o detiveram imediatamente? Simplesmente cruzaram os braços e deixaram a água rolar? O impulsivo Pedro, — que, no momento da prisão, teria

[98] João 13:27. Paráfrase nossa.

[99] E, apesar disto, conforme o testamento de João, ladrão. Parece incrível que Jesus tenha confiado justamente a um larápio a função de tesoureiro do grupo, sobretudo quando o mestre já dispunha de Mateus, um contador e exator experiente.

decepado a orelha de Malco, servo do sumo sacerdote[100] — nada fez para impedir que Judas consumasse o seu intento abominável?

É inacreditável que os discípulos de Jesus, considerando a revelação da traição em pleno desenvolvimento, e a indicação precisa do traidor, não tenham adotado qualquer providência para evitar que aquela perniciosa infidelidade fosse levada a efeito. Ao contrário, apesar do imenso risco que as manobras traiçoeiras traziam ao seu mestre, permaneceram inertes, como se aguardassem, tranquila e resignadamente, o advento da iminente prisão de Jesus. E tanta era a tranquilidade dos discípulos que estes, na noite da captura de seu mestre, apesar do recente anúncio da traição em pleno curso, dormiram placidamente! (Mc 14:37, Mt 26:40, Lc 22:45.) A inércia de Jesus e de seus apóstolos, que nada fazem para evitar a tragédia em marcha, é explicável unicamente no âmbito teológico: Judas, inspirado ou não por Satanás, era um instrumento de um plano divino e o que haveria de se cumprir, como a realização da vontade de Deus, era inevitável[101].

4.2 A captura de Jesus: um evento súbito e inesperado

Foi justamente quando os discípulos de Jesus dormiam profundamente que chegou a guarnição para prender Jesus. Ou seja: tratava-se de uma investida surpreendente.

Geza Vermes explica que a morte de Jesus — e, portanto, a sua captura — fora inesperada. "Quando Jesus foi capturado no jardim do Getsêmani, seus apóstolos o abandonaram e fugiram, pelo menos segundo o testemunho dos evangelistas sinóticos. Pedro chegou até a negar que tinha conhecido Jesus"[102]. Como — registra Vermes — é

[100] Jo 18:10.
[101] Cf. Rancé, "Jesus", p. 230.
[102] "Ressurreição: História e Mito", Record, 2013, p. 102.

muito pouco provável que a conduta desonrosa dos apóstolos seja pura invenção, conclui-se pela inautenticidade das predições sobre a sua morte e ressurreição, aí incluída a da própria traição, e a sua revelação pública aos apóstolos, durante a última ceia.

Decerto, Jesus tinha muito o que temer após o incidente do Templo. As preocupações que dominaram Jesus no Getsêmani, aludidas por Lucas em seu Evangelho (22:41-44), pouco antes da prisão, tinham razão de ser. Mas a guarnição que veio em seu encalço encontrou os apóstolos completamente desprevenidos. Soubessem estes o que estava por acontecer, certamente estariam, no mínimo, alertas, se não fossem espertos o suficiente para porem-se e ao seu mestre a salvo em paragens mais seguras.

5. A PRISÃO DE JESUS

5.1 Como Jesus foi preso?

Se a participação de Judas nos acontecimentos que culminaram na captura de Jesus é completamente desnecessária, é possível inferir que esta se deu na forma em que se costumam realizar as prisões de procurados absconsos: súbita e surpreendentemente. Jesus, o cordeiro de Deus, não foi entregue pelos seus para ser imolado. Foi capturado de surpresa, na calada da noite, e conduzido coercitivamente à presença das autoridades judaico-romanas.

5.2 Por que Jesus foi preso?

Mas, por que Jesus foi preso? Qual foi o episódio que desencadeou a reação violenta daquelas autoridades?

Sem dúvida, as autoridades do Templo de Jerusalém não viram com bons olhos a chegada daquele pregador itinerante, que exortava o advento iminente do Reino de Deus, justamente no período da Páscoa, quando os estados de espírito estavam sumamente inflamados.

5.2.1 A Páscoa: ânimos exaltados

Na Páscoa judaica, comemorava-se a libertação do povo hebreu do cativeiro no Egito. Era, portanto, um momento propício a manifestações nacionalistas hostis ao domínio romano na Palestina. E muitos judeus, conforme explica Ehrman, esperavam — e até anteviam — que a atitude libertadora de Deus, por intermédio do

profeta Moisés, seria de novo realizada no presente, com a participação de um líder messiânico. Todos sabiam que, nas festas da Páscoa, "poderiam ocorrer levantes quando as paixões nacionalistas atingissem um pico febril"[103]. Numa época em que os ânimos nacionalistas estavam exaltados, a manutenção da paz era imperativa. A tanto, as autoridades romanas — e, também, os líderes religiosos judaicos — não mediam esforços. Qualquer tumulto — e mesmo a simples possibilidade de desordem — deveria ser prontamente reprimido. Na Páscoa, os humores eram tão exaltados que o próprio governador romano, que vivia em Cesareia, na margem do Mediterrâneo, acorria a Jerusalém, o centro religioso do mundo judaico, para debelar possíveis insurreições. As autoridades religiosas judaicas o auxiliavam no combate aos motins. Entre os governantes romanos e a elite sacerdotal judaica havia um acordo tácito. Roma permitia que os sacerdotes e líderes religiosos praticassem, com certa liberdade, a sua religião, e exercessem atividades administrativas e judiciais, mas desde que prestassem auxílio e fidelidade ao poderio romano.

Sem dúvida que a pregação escatológica de Jesus entrava em conflito com os interesses da elite sacerdotal de Jerusalém: o estabelecimento do reino de Deus na Terra pressupunha, necessariamente, a aniquilação do poder romano. Demais disto, Jesus vaticinava abertamente a destruição do Templo, o que significava a eliminação de todo poder político e religioso de seus governantes e do próprio Sinédrio.

5.2.2 Jesus chega a Jerusalém

Foi neste conturbado ambiente político que Jesus de Nazaré, pregador carismático, exorcista e taumaturgo galileu, cumprindo o

[103] "Como Jesus se Tornou Deus", p. 164.

dever atribuído a todo judeu consciencioso, acorreu a Jerusalém para celebrar a festa da Páscoa. Não ia só. Acompanhava-o alguns dos seus mais próximos discípulos — os apóstolos — e algumas mulheres piedosas.

Era uma viagem arriscada.

Aquele pregador itinerante, que percorria a Galileia anunciando fervorosamente a proximidade do Reino de Deus, não se contentava em denunciar publicamente a hipocrisia dos fariseus — grupo religioso de maior penetração popular em seu tempo —, senão tinha a audácia de não apenas reinterpretar, mas *reformular* leis outorgadas por Javé a Moisés. E o fazia com uma autoridade que transcendia a de um simples profeta. Jesus de Nazaré não se comportava como um simples mensageiro da palavra de Deus. Ele não falava como os profetas de outrora, que se limitavam a receber e transmitir a palavra de Deus, em obediência à vontade emanada de uma autoridade superior. Jesus falava — e agia — não como um simples intermediário da vontade divina, senão com autoridade própria e soberana. Falava e agia como quem está acima dos homens e dos profetas, como alguém que se põe no lugar da própria divindade[104]. Jesus curava no sábado e, o que é mais impressionante, perdoava os pecados, algo apenas a Deus poderia realizar[105]. Quem, além de um Ungido por Javé, poderia agir com tanta autoridade? Em Lucas, Jesus, publicamente, declara-se ungido por Deus (4:18-19). Stegemann, com acuidade, registra que, independentemente de que as palavras atribuídas, no texto de Lucas, a Jesus possam ou não ser consideradas autênticas, "oferecem a possibilidade para se imaginar a relação entre presença e futuro do reino. Jesus é o representante[106] (*agent*) do reino

[104] Gerhard Lohfink, "Jesus de Nazaré – O que Ele queria? Quem era Ele?", Vozes, 2015, p. 447-448. Vide, em sentido semelhante, Wolfgang Stegemann, "Jesus e o seu Tempo", Sinodal, 2012, p. 450.

[105] "Ele blasfema! Quem pode perdoar pecados, a não ser Deus?" (Mc 2:7).

[106] Dir-se-ia melhor, talvez, "presentante".

de Deus autorizado por Deus com seu espírito, que não só proclama o programa de soberania, mas parcialmente já o executa com autoridade." E esta soberania, concebida como em irrupção, já é agora "colocada poderosamente em Jesus como um plenipotenciário de Deus."[107] Jesus, em sua conduta, ao menos tacitamente denunciava as suas pretensões messiânicas e isto não passou despercebido apenas ao público ao qual dirigia a sua palavra, mas, também, aos seus opositores.

Ao longo de sua curta vida pública[108], Jesus travara numeroso embates com os fariseus, a quem criticava acidamente a ostentação e a hipocrisia e por quem, em contrapartida, era severamente censurado por suas palavras e atitudes. Para os fariseus, sábios que se ufanavam da rigorosa observância das leis mosaicas, aquele nazareno inculto era um *criminoso* à luz das escrituras, pois, não contente em desdenhar as rígidas regras de purificação[109], tinha a suprema ousadia de realizar os seus prodígios[110], e mesmo laborar em prol do sustento próprio[111], em pleno sacrossanto sábado, dia da semana judaica em que o repouso compulsório deveria ser rigorosamente observado, sob pena de morte[112].

Por onde passava, a altivez, coragem e independência do pregador galileu, que muitos reputavam herético, sem dúvida atraíram a ira dos fariseus. Mas nada podiam fazer contra ele, porquanto não detinham o poder de puni-lo legalmente. Com relativa segurança, o carpinteiro convertido em pregador carismático — para

---

[107] "Jesus e o seu Tempo", p. 450.

[108] Talvez um ano ou menos, conforme a cronologia dos Evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas). Talvez pouco mais de três, consoante a de João.

[109] Mc 7:2; Mt 15:2.

[110] Lc 14, 1-6; Jo 5:10.

[111] Mc 2: 24, Mt 12:2, Lc 6:2.

[112] Ex 31:14-15.

muitos um verdadeiro profeta[113], ou mesmo o Messias[114] — podia prosseguir em seu ministério, sem temer reações violentas. Sempre cercado por um número considerável de prosélitos, tinha boas razões para não temer "o terror da noite nem a flecha que voa de dia[115]".

Mas, em Jerusalém, coração da Judeia, e centro do poder político e religioso do povo de Davi, as coisas seriam bem diferentes. Sobretudo na semana da Páscoa, como se verá.

Eloquente é o temor dos discípulos quando, aproximando-se as festividades da Páscoa, Jesus delibera visitar a Judeia. Segundo o Evangelho de João, Tomé, um dos apóstolos, teria dito: "Vamos também nós, para morrermos com ele[116]."

5.2.3 O Sinédrio

Em Jerusalém, reunia-se o Sinédrio, instituição judaica dotada de poderes religiosos, administrativos e jurídicos. Dominado pela elite sacerdotal, era constituído por 71 membros, saduceus em sua maior parte. O sumo sacerdote — um saduceu — era o seu presidente.

Conquanto subserviente ao poder romano, que tinha o poder de designar o seu líder supremo, o Sinédrio gozava de alguma autonomia. Cabia-lhe, por exemplo, zelar pela ordem pública, o que implicava evitar e coibir tumultos, sobretudo em épocas festivas, quando Jerusalém, repleta de peregrinos judeus — milhares deles vindos de Roma, Grécia, Síria, Anatólia e outras paragens mediterrâneas —, era um paiol de pólvora. A elite sacerdotal judaica estava bem consciente de que, aos orgulhosos filhos de Israel, a dominação romana travestia-se numa abominação terrível e

[113] Mc 8: 27-28.
[114] Jo 1:49, Mc 10:48, Lc 19:38.
[115] Salmo 91.
[116] Jo 11:16.

inadmissível. Sabia, também, que o domínio e a opressão romanos despertavam nas massas o ardente desejo de reação. A qualquer momento, poderia emergir, do povo oprimido, vergado e explorado por um poder estrangeiro e hostil a Javé, um pregador antirromano, susceptível de comover e arrebatar as multidões. Ou, mesmo, um líder carismático com pretensões libertárias. E a Páscoa — a mais importante das festas judaicas — era um momento oportuno para a eclosão de movimentos messiânicos ou revolucionários. Tinha a Páscoa um forte elemento tão simbólico quanto fomentador: nela se comemorava a libertação dos hebreus do jugo egípcio. Cientes de que a reação romana a qualquer movimento insurgente seria presta, violenta e desproporcional, as autoridades judaicas tomavam todas as cautelas possíveis para evitar conflitos, tumultos e rebeliões. Nada poderia interferir na perfeita paz e tranquilidade da sagrada Páscoa judaica — a Festa Libertadora — e, muito menos, nas boas relações com a inclemente e repressora autoridade romana.

O Sinédrio exercia, também, poderes jurisdicionais. Era a suprema corte do povo de Israel. Embora a aplicação da pena de morte fosse, conforme a lei, prerrogativa desse tribunal, durante o período de dominação romana somente o prefeito romano — Pôncio Pilatos, à época — detinha o poder de decretar a pena capital[117]. A restrição ao Sinédrio em exercer, plenamente, a sua natural função jurisdicional não o impedia, contudo, de exercitar uma atividade postulatória perante o prefeito, atuando — conquanto *política* e não juridicamente — como confiável agente de acusação, quando se imputava ao indiciado a transgressão de normas penais *romanas*. Uma acusação criminal do Sinédrio perante o prefeito romano, conquanto não se revestisse de caráter oficial — o colegiado não era um *órgão* de

[117] Vide Vamberto de Morais, "O Mistério de Jesus", p. 262. Isto, porém, não impedia que, em alguns casos, o governante romano pudesse outorgar, excepcionalmente, às autoridades judaicas, poderes de aplicação da pena de morte. Vide Flávio Josefo, "Antiguidades Judaicas", 6.125-6126. Vide, também, Rancé, "Jesus", p. 250.

acusação na estrutura judiciária romana —, revestia-se de poderosa carga de autoridade e persuasão, que deveria ser levada a sério. Imagine-se, então, se a acusação é feita justamente no festival da Páscoa, quando os nervos das autoridades romanas estão à flor da pele e elas estão predispostas a reprimir violentamente qualquer indício — comprovado ou não — de insurreição. Como todo e qualquer estado autoritário, baseado em seu poderio militar, Roma não queria que rebeliões ou insurreições eclodissem. A coleta de impostos e a manutenção da ordem eram as principais preocupações de Roma nas regiões ocupadas. O simples indício de afronta à sua autoridade era suficiente a engendrar uma reação imediata e exemplar. E, como escreve Ehrman, a melhor maneira de lidar com agitadores era, simplesmente, livrar-se deles[118]. E assim agiu Pilatos — que detinha o poder de vida e morte — no caso de Jesus: ordenou que fosse crucificado pelo crime político de sedição e a sua ordem foi cumprida prontamente.

5.2.4 A missão de Jesus em Jerusalém

É bem verdade que não se vê nos Evangelhos qualquer ataque *direto* de Jesus de Nazaré às autoridades governantes da época, muito menos ao imperador Tibério ou ao prefeito romano Pôncio Pilatos. Lembremo-nos que João Batista, com quem o Nazareno travou íntima relação na fase que precedeu a sua atividade missionária, foi decapitado justamente por confrontar, explicitamente, o rei títere Herodes Antipas, talvez não pela aliança do monarca com Roma, mas por seu casamento incestuoso, segundo as leis de Israel, como quer Mateus, ou pelo receio de que João liderasse uma revolta popular, como pretende, com maior verossimilhança, Flávio Josefo[119]. Mas,

[118] Jesus Existiu ou Não?", p. 321.
[119] "Antiguidades Judaicas", 23,5,4.

como Jesus, pregador escatológico, anunciava o advento de um reino iminente, instaurado e dominado por Deus e não por Roma — ou qualquer outro poder temporal terrestre —, no qual ele mesmo — Jesus — seria uma figura de destaque[120], não é de se admirar que os temores dos discípulos tivessem fundamento. O que haveria de ser, aos olhos de Roma, uma mera superstição, nascida no seio de um povo rude e inculto, poderia se transformar em relevante ameaça se Jesus, com a sua coragem sem limites, agisse imoderadamente durante as festividades, despertando, com a sua audácia, o poder coercitivo das autoridades religiosas de Jerusalém. Os seus discípulos, conhecendo-o bem, tinham boas razões por que temer.

Jesus foi à Jerusalém, para a festividade da Páscoa de abril do ano 30[121], a fim cumprir um dever religioso. Mas não apenas. Havia um desejo de universalização de sua mensagem. Chegara a hora de transcender os limites de sua Galileia natal e regiões circunvizinhas. De falar, também, aos israelitas da Judeia e aos judeus dispersos no mundo, e a todos aqueles que vieram, de terras próximas ou distantes, e de toda procedência, para celebrar a Páscoa em Jerusalém. Jesus não foi a Jerusalém, na Páscoa, para morrer, mas para anunciar o advento do Reino aos judeus dos quatro cantos do mundo. Versado nos contínuos embates com os fariseus do Norte da Palestina, chegara, sobretudo, o momento de confrontar-se com os ímpios governantes do Templo — os saduceus —, com os quais as suas divergências éticas e teológicas eram ainda mais acentuadas.

E, assim, naquela primavera do ano 30, deixou Jesus a Galileia e marchou para Jerusalém, na Judeia. Sabia perfeitamente qual era a grandeza de sua missão e a imensidade dos riscos que corria. E,

[120] Vide Bart D. Ehrman, "Como Jesus se Tornou Deus", p.162.

[121] Segundo Geza Vermes ("A Paixão", p. 112), "pode-se argumentar com base em cálculos astronômicos que em 30 d.C, ano da Paixão, a Páscoa celebrada à lua cheia em 15 Nisan caiu num sábado, 8 de abril, e que, consequentemente, Jesus, crucificado na véspera da Páscoa (14 Nissan), morreu na sexta-feira, 7 de abril de 30 d.C."

apesar de todo perigo, ele foi. E o inevitável aconteceu: Jesus entrou em disputa com as autoridades do Templo. Tal conflito chegou ao ápice no famoso episódio que conhecemos como a "Purificação do Templo".

5.2.5 A gota d'água: o episódio do Templo

Os Evangelhos sinóticos narram que, chegando a Jerusalém, Jesus entrou no Templo e "começou a expulsar os vendedores e os compradores que lá estavam: virou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas, e não permitia que ninguém carregasse objetos através do Templo. E ensinava-lhes, dizendo: 'Não está escrito: Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos? Vós, porém, fizestes dela um covil de ladrões'" (Marcos, 11:15-18). Em João, que, anomalamente, situa o incidente no início da vida pública de Jesus, o episódio é ainda mais detalhado: "Estando próxima a Páscoa dos judeus, Jesus subiu a Jerusalém. No Templo, encontrou os vendedores de bois, de ovelhas e de pombas e os cambistas sentados. Tendo feito um chicote de cordas, expulsou todos do Templo, com as ovelhas e com os bois; lançou ao chão o dinheiro dos cambistas e derrubou as mesas e disse aos que vendiam pombas: 'Tirai tudo isto daqui; não façais da casa de meu Pai uma casa de comércio'" (João, 2:13-16).

Marcos (11:18) informa que, tendo presenciado o incidente, os escribas e os chefes dos sacerdotes "procuravam como o matariam; eles o temiam, pois toda a multidão estava maravilhada com o seu ensinamento". Se antes do episódio do templo as autoridades religiosas de Jerusalém toleravam os discursos apocalípticos de Jesus — apesar das armadilhas adrede preparadas com as quais buscavam

comprometê-lo — e postergavam a sua prisão[122], depois do incidente sentiram a necessidade premente de tirá-lo de circulação. Mas, sob qual acusação? Aos romanos pouco interessavam transgressões à lei judaica[123]. De motivos puramente religiosos os romanos não se ocupavam. A eles, todavia, interessavam os motivos políticos. Se Jesus se comportava como o Messias é porque se considerava o Messias. E como ser o Messias implica ser o Rei de Israel, poderiam, perfeitamente, depois de o prenderem e o interrogarem sumariamente, denunciá-lo a Pilatos pelo crime essencialmente político de sedição. Roma não admitia outro rei que não o imperador, e Jesus, ao reivindicar a realeza, estaria a desafiar a autoridade do próprio imperador romano e a fazer afronta a tudo o quanto ele representava. Jesus, portanto, foi acusado de deslealdade para com o imperador e o Estado Romano e, por isso, Pilatos lhe impôs a pena capital[124]. Como elucida Jean-Pierre Lémonon, a denominação de Rei dos Judeus representa o motivo pelo qual Jesus foi executado. E assim o foi porque Jesus poderia ser apresentado como alguém que pretendia conduzir o povo Judeu. O Nazareno significava ameaça de uma insurreição contra a ocupação romana na Palestina[125]. Tinha Pilatos, pois, não apenas o poder, mas, sobretudo, o *dever* de executá-lo.

Ehrman[126] esclarece que o Templo era o ponto central de toda a veneração judaica. Judeus de todo o mundo acorriam a Jerusalém para realizar o sacrifício de animais, feito exclusivamente no Templo. Era no próprio Templo que os peregrinos compravam os animais

---

[122] Mc 14:1-2: "A Páscoa e os ázimos seriam dois dias depois, e os chefes dos sacerdotes e os escribas procuravam como prender Jesus por meio de um ardil para matá-Lo. Pois diziam: 'Não durante a festa, para não haver tumulto entre o povo!".

[123] Vide o episódio de Atos 18:12-6.

[124] Vide Giza Vermes, "A Paixão", p. 22.

[125] *Apud,* Rancé, "Jesus", p. 254.

[126] "Quem Jesus Foi. Quem Jesus não Foi?", edição eletrônica, posição 2635-39.

para a oferenda, que deviam atender às rigorosas exigências das antigas Escrituras, adquiridos não com a moeda romana de uso corrente, onde estava gravada a detestável efígie do imperador, mas com dracmas de prata do Tiro. E para a compulsória conversão monetária, os peregrinos recorriam, inexoravelmente, aos cambistas. Além disto, o Templo recolhia donativos de judeus de Canaã e de toda a diáspora[127], sendo considerável o afluxo de riquezas, originárias do estrangeiro e das diversas regiões da Palestina, para Jerusalém durante os festejos pascoais. Nota-se, perfeitamente, que a atitude agressiva e tumultuosa de Jesus repercutiu nas atividades e finanças do Templo — cuja destruição ele vaticinava explicitamente[128]—, e para as autoridades religiosas de Jerusalém aquele comportamento impetuoso representou um insulto inadmissível. Era necessário, a bem da ordem pública, que Jesus, cujas pretensões messiânicas não lhes pareciam um segredo, fosse o quanto antes detido e encarcerado.

Para Geza Vermes[129], Jesus teria ficado "chocado com o alvoroço dos negócios no pátio do Templo, onde eram vendidos os animais sacrificais, e com a ruidosa negociação entre os cambistas e seus clientes, que tinham de converter a moeda corrente em valiosas dracmas de prata cunhadas em Tiro, as únicas moedas consideradas válidas para oferendas sagradas".

Cremos, porém, que Jesus não ficou escandalizado com o que viu porque já sabia perfeitamente o que iria encontrar. Com certeza, Jesus já peregrinara a Jerusalém, por ocasião da Páscoa, diversas vezes em sua vida[130], porquanto a visita ao Templo na Páscoa era uma obrigação imposta a todos os judeus do mundo. No tumulto do

[127]Vamberto Morais, "O Mistério de Jesus", p. 240. Até mesmo os mais pobres, como viúvas desamparadas, faziam as suas oferendas (Lc 21:2).

[128] Mc 13:2, 14:58, 15:29.

[129] "A Paixão", p. 33. Também Ehrman: "Quem Jesus Foi. Quem Jesus não Foi?", edição eletrônica, posição 2646.

[130] Segundo Lucas (3:23), Jesus tinha cerca de 30 anos ao iniciar o seu ministério.

templo há algo de simbólico e teatral, de caso pensado e, possivelmente, não aconteceu quando da chegada de Jesus a Jerusalém, mas na quinta-feira, 6 de abril, quando já ocorridas as ásperas altercações entre ele, de um lado, e fariseus e saduceus do outro.

5.3 O episódio do Templo e suas consequências imediatas

A Purificação foi um desafio explícito à aristocracia sacerdotal que, evidentemente, abominou o episódio. Se as autoridades do Templo não o prenderam imediatamente, em plena luz dia, tal se deu porque, provavelmente, estavam receosas de desagradar as turbas e incitar uma reação popular indesejada, talvez mesmo uma rebelião. Naquele ambiente inflamável, uma simples faísca poderia desencadear consequências desastrosas. Fariam-no, todavia, mais tarde, longe dos olhos do populacho. Localizar o pregador galileu em seu refúgio noturno seria muito fácil: bastaria segui-lo a uma segura distância e encontrar o seu paradeiro. Nada mais fácil para as autoridades do templo do que infiltrar um de seus asseclas entre as turbas de peregrinos e enviá-lo em discreta perseguição ao Nazareno. Expediente escuso como este, em que se introduz um ou mais elementos disfarçados para surpreender os inimigos, não era novidade alguma na Antiguidade. Por aqueles tempos, o próprio Pilatos o empregou exitosamente, como nos testemunha o historiador judeu Flávio Josefo:

> Pilatos enviou um grande número de soldados, vestidos com roupa judia, ocultando armas sob as vestes, a fim de cercar os judeus. Depois, ordenou a estes que se retirassem. Como os judeus deram mostra de querer injuriá-lo, fez o sinal combinado aos

> soldados. Estes impingiram castigos muito mais violentos do que se lhes haviam ordenado, tanto aos que permaneciam em paz como aos sediciosos. Mas os judeus não mostraram sinal algum de fraqueza, de tal modo que, surpreendidos de improviso pelos que os atacavam deliberadamente, morreram em grande número no lugar, ou se retiram cobertos de ferimentos. Assim foi reprimida a sedição". ("Antiguidades Judaicas", 18, 3,2; versão em português nossa.)

Os sinóticos situam o episódio do Templo na semana anterior à da morte de Jesus. Todavia, por que Jesus, dada a gravidade do incidente, não foi tempestivamente preso, e ainda se lhe foi concedido um tempo razoável — nada menos que uma semana, em plena festividade da Páscoa! — para pregar diariamente no próprio Templo, quando e onde poderia reincidir em sua conduta hostil e indesejada? Se Jesus, escandalosamente, tumultuou as atividades do templo em certo dia, quem garantiria que não o faria num outro? A cronologia dos sinóticos não faz sentido: sem dúvida, o incidente merecia uma reprimenda imediata. As autoridades judaicas não correriam o risco de esperar tanto tempo para pôr as mãos no tumultuoso pregador que transpirava a reivindicação da realeza judaica, vaticinava a destruição do Templo, engendrava tumulto no sacrossanto Templo e perturbava a tão reclamada paz em pleno período pascoal. A Purificação do Templo foi, portanto, o episódio que prorrompeu os acontecimentos que desaguaram na morte de Jesus. A mesma linha de raciocínio que animara, segundo Josefo, o espírito de Antipas a esmagar João Batista, antes que fosse tarde demais, provavelmente insuflava os ânimos da elite sacerdotal de Jerusalém. Esta, temerosa de que o grande carisma e a firme autoridade do Nazareno induzissem as massas a uma rebelião, considerou mais seguro cortar prontamente o mal pela raiz. Jesus,

provavelmente, foi preso na noite daquele mesmo dia — subitamente —, e sem a necessidade de traição por parte de um de seus mais próximos seguidores.

6. UMA ALTERNATIVA AO MITO DA TRAIÇÃO

6.1 Prisão e morte de Jesus: uma versão alternativa

Temos fortes razões para crer que, no mesmo dia do episódio do Templo — que irritou profundamente as autoridades judaicas e delas exigiu uma presta represália, dadas a proximidade da Páscoa e a premente manutenção da ordem pública —, à tarde (Mc 14:17), Jesus se reuniu com os seus apóstolos em seu refúgio, situado fora dos muros de Jerusalém, e com eles ceou.

No caminho ao Getsêmani, foi seguido a distância por um ou mais asseclas das autoridades do Templo, que registram precisamente o seu local de recolhimento. Para descobri-lo, as autoridades não precisaram de ajuda externa alguma, muito menos a de Judas, ou de qualquer outro seguidor de Jesus.

Mais tarde, quando era noite, chegou, de inopino, justamente quando os apóstolos — inclusive Judas — inocentemente dormiam, "uma multidão trazendo espadas e paus" (Mc 14:43), enviada pelos chefes dos sacerdotes, para capturá-lo. E "eles lançaram a mão sobre ele e o prenderam" (Mc 14:46), sem que Judas e os demais apóstolos, evidentemente, esperassem.

No dia seguinte, após interrogado pelos chefes dos sacerdotes, Jesus foi acusado de sedição perante o prefeito romano. Como não podia negar as suas pretensões messiânicas, perfeita e logicamente deduzidas pelas autoridades judaicas, sofreu prontamente do suplício da crucificação — a mais infamante das penas[131].

[131] Escreve Ernest Renan: "Posto que o motivo real da morte de Jesus fosse inteiramente religioso, os seus inimigos puderam conseguir apresentá-lo, no pretório, como culpado de crime de Estado; não teriam obtido do cético Pilatos uma condenação por causa de heterodoxia. Consequentes com esta ideia, os sacerdotes pediram para Jesus, pela voz das turbas, o suplício da cruz. Esse suplício não era judaico de origem; se a condenação de Jesus tivesse sido

6.2 O mito da traição: suas razões

A súbita prisão de Jesus, para a qual — acreditamos — Judas em nada concorreu, foi, sem dúvida, um acontecimento constrangedor. Era inadmissível que o Messias fosse capturado, assim de surpresa, como um delinquente qualquer, que se esconde em antros profundos, para se pôr fora do alcance de seus perseguidores. Onde estaria a sua clarividência? Onde estaria a sua altivez? A sua dignidade de Messias e de Cordeiro de Deus — de redentor, portanto — não admitia que a vergonhosa e humilhante captura passasse à posteridade como um fato assentado. Daí por que se engendrou, muitos anos após a morte do Nazareno, a tradição — desconhecida do apóstolo Paulo e de muitas comunidades cristãs primitivas, mas mais adequada à mentalidade de que o drama da Paixão refletia os planos divinos, conforme o registro das antigas Escrituras — de que Jesus, como um cordeiro dado em holocausto para a remissão dos pecados, fora traído por um dos seus íntimos seguidores e por ele entregue às autoridades para ser imolado. Se há nisto constrangimento, bem maior seria o decorrente de uma prisão sorrateira e surpreendente: Messias algum seria pego assim, de súbito, e submetido ao espanto de uma humilhante, brusca e inesperada captura. Cordeiro pascal algum é

---

puramente moisaica, ter-lhe-iam aplicado a lapidação. A cruz era um suplício romano, reservado para os escravos e para os casos em que se queria ajuntar à morte a agravação da ignomínia. Aplicando-o a Jesus, tratavam-no como aos ladrões de estrada, salteadores, bandidos, ou como aos inimigos de baixa condição, a quem os romanos não concediam as honras da morte pela espada. Puniam o "Rei dos Judeus", e não o dogmatismo heterodoxo. Em consequência da mesma ideia, a execução houve de ser entregue aos romanos. Sabe-se que, entre os romanos, os soldados, como o seu ofício fosse matar, desempenhavam funções de carrascos, Jesus foi, pois, entregue a uma coorte de tropas auxiliares, e praticou-se com ele tudo o que era odioso nos suplícios introduzidos pelos costumes cruéis dos conquistadores" (*in* "Morte de Jesus", artigo publicado no Correio da Manhã (RJ), edição de 21 de abril de 1905, p. 1. Tradutor não creditado).

surpreendido e arrastado à imolação. Alguém, a quem confiado, *sempre* o oferece ostensivamente a Javé. Jesus, a maior de todas as oferendas, não escaparia a esta regra, ancestral e inflexível.

O incidente da traição se presta, também, à "prova" de que o Nazareno era o Messias, o Filho de Davi, em razão do paralelo que se estabelece — sobretudo em Mateus — entre estes dois personagens. Assim como Jesus, Davi foi traído por um íntimo colaborador e conselheiro: Aquitofel. Este se juntou a Absalão, terceiro filho de Davi, numa rebelião contra o rei. Aquitofel solicitou permissão a Absalão para organizar um grande exército, marchar contra Davi e matá-lo (2Sm 17:1-3):

> Dá-me permissão de escolher doze mil homens e me lançar esta noite mesmo à perseguição de Davi. Cairei sobre ele quando estiver cansado e sem coragem, e o assombrarei, e todo o povo que estiver com ele fugirá. Então ferirei mortalmente o rei e farei que se volte para ti todo o povo, como vem a noiva ao seu esposo; tu só queres a morte de um homem, e todo o povo escapará.

Mas Absalão, a princípio atraído pelo conselho de Aquitofel, terminou por seguir as recomendações de Husai, um aliado secreto de Davi. Aquitofel, vendo que os seus conselhos não foram seguidos pelo conjurado, resolveu, assim como Judas o faria mais tarde, se enforcar (2Sm 1723):

> Quando Aquitofel viu que o seu conselho não tinha sido seguido, selou seu jumento, montou-o e partiu para a sua casa na cidade. Pôs em ordem a sua casa e

> depois se enforcou, e morreu. Foi sepultado no túmulo de seu pai.

Após registrar que apenas a morte de Aquitofel é o único caso de autêntico suicídio relatado na Bíblia, além do de Judas, Christiane Rancé escreve: "Aquitofel tinha tramado um complô para exterminar Davi e seu exército; seu conselho não foi escutado por Absalão, o inimigo de Davi. Ressentido, ele monta em seu asno, volta para casa e se enforca. Mateus retomaria os termos com os quais esse suicídio é evocado no segundo livro de Samuel (2Samuel, 17,23) para relatar o de Judas."[132]

O paralelo entre Jesus e Davi é significativo. Assim como o seu ancestral, Jesus é traído por um de seus íntimos colaboradores que, amargurado, se suicida. Tal paralelo corrobora a origem davídica de Jesus e, por consequência, reforça a sua identificação como o Messias, novo Rei de Israel.

6.3 Uma síntese

Em síntese: não negamos que o episódio da traição tenha trazido constrangimento aos antigos cristãos, pelos motivos que já conhecemos. Mas se, por um lado, o incidente lhes causou embaraços, por outro, *evitou* um outro maior: um Messias destituído de clarividência e capturado de inopino por seus perseguidores. A seu turno, a traição abriu caminho ao "Agnus Dei", ao Messias Redentor: nenhum cordeiro é capturado ou caminha livremente ao altar de sacrifícios. Ele é necessariamente *entregue*, conduzido ao holocausto por aquele a quem confiada a sua custódia. Além disto, a traição de Judas, seguida de seu suicídio — ou de uma morte hedionda —,

[132] "Jesus", p. 234.

confirma a descendência davídica de Jesus e a sua condição de Messias e Salvador. Tudo bem sopesado, a alternativa da traição, por embaraçosa que seja, afigura-se perfeitamente oportuna e conveniente, não apenas por elidir da memória coletiva uma captura infamante, mas, também, por ajustar-se aos desígnios redentores de Deus.

6.4. Judas, o eterno traidor

Quanto a Judas, por que motivo teria sido o escolhido para desempenhar o execrável e hediondo papel de traidor? Possivelmente porque, desiludido com o rumo dos inesperados acontecimentos da Paixão, tenha desertado do grupo em um momento posterior à crucificação, com o que atraiu a ira dos primeiros cristãos e, mesmo, dos próprios apóstolos originários. É possível, mesmo, que Judas não tenha acreditado na espantosa ressurreição que, após a morte do rabi, passou-se a propalar, e isto lhe custou uma infame reputação.

Judas, assim, coberto de opróbrio, passou de fiel seguidor — a quem Jesus outorgara poderes para realizar milagres e expulsar demônios, e prometera sentar-se no trono para julgar as tribos de Israel — a infame e repulsivo traidor. Acusado de um crime infamante — do maior dos crimes: o de deicídio —, mergulhado na eterna ignomínia, tornou-se sinônimo da própria traição. E, uma vez sinônimo da extrema abjeção, da maior vileza e inferioridade moral que se pode conceber, é, até os dias de hoje, objeto da mais veemente e recorrente execração. Judas, porém, talvez seja vítima da mais terrível calúnia que a humanidade já conheceu.

7. ALGUMAS CONCLUSÕES

De tudo o quanto expusemos nos itens anteriores, podemos extrair as seguintes conclusões:

a) Judas, em algum momento de sua vida, passou a seguir um pregador nazareno apocalíptico. Acreditava, pois, na vinda do Filho do Homem e na iminente instauração do Reino de Deus na Terra.

b) Se foi chamado a participar do círculo íntimo de seguidores de Jesus — o pregador nazareno escatológico —, é porque dispunha de algumas qualidades, aí incluída a fidelidade, que o faziam merecedor de compartilhar dos segredos do Reino, revelados aos discípulos mais íntimos, e que o habilitavam a constituir-se num dos dignitários do Reino emergente.

c) As narrativas neotestamentárias sobre a traição e morte de Judas — e esta morte teria ocorrido contemporaneamente ou num lapso de tempo não muito posterior à Paixão — são decalques de fatos ou sentenças do Velho Testamento e, portanto, destituídas de historicidade. Em Mateus, a narrativa ocorre para demonstrar que Jesus é o novo Davi, o novo Rei de Israel, o Messias secularmente prometido; nos Atos dos Apóstolos, para estabelecer uma morte ignominiosa ao traidor, proporcional ao seu hediondo crime.

d) Nenhum dos Evangelhos apresenta um motivo razoável e plausível à traição de Jesus por seu apóstolo Judas. Se Jesus era miraculoso e realizava tantos prodígios — e deles Judas fora testemunha ocular —, e lhe havia prometido um lugar de honra quando do advento do Reino de Deus, por que este o trairia?

e) Várias comunidades cristãs primitivas desconheciam os episódios da traição de Jesus por um de seus mais íntimos colaboradores. Nas primícias do cristianismo, como se infere da

Primeira Epístola aos Coríntios, tais fatos eram completamente ignorados.

f) A partir da constatação anterior, é possível concluir que o mito da traição é fruto de uma elaboração tardia, posterior à primeira geração de cristãos.

g) Há vários documentos antigos que permitem inferir que Judas estava vivo após a morte de Jesus (Paulo, Apócrifo de Pedro, Apócrifo de Tiago, Aristides de Atenas).

h) Se Judas estava vivo e integrava o grupo dos doze logo após a morte de Jesus, certamente não o traiu.

i) Se Judas traiu Jesus, dificilmente seria contado entre os doze, por diversas fontes independentes, imediatamente após a morte de Jesus, a exemplo da epístola paulina, que repete um credo remontante aos primeiros instantes do cristianismo nascente. Se traidor fosse, e ainda se encontrava vivo em momento posterior à crucificação, teria abandonado o grupo ou dele teria sido expulso pelos demais apóstolos. Mas, justamente por não ter traído o seu mestre, a mais antiga das tradições cristãs o põe em comunhão com os demais apóstolos quando Jesus, ressurrecto, a eles se apresentou pela primeira vez.

j) O episódio do Templo desencadeou a série de eventos que resultaram na morte de Jesus.

k) Muito provavelmente, Judas não participou dos acontecimentos que determinaram a morte de Jesus. Não havia qualquer necessidade, por parte da elite sacerdotal, após o fatídico incidente do Templo, de aliciá-lo para indicar onde Jesus se recolhia. A tanto bastaria, simplesmente, mandar alguém ao seu encalço, seguindo-o discretamente, se é que os membros do Sinédrio realmente não sabiam do paradeiro de uma figura publicamente conhecida. Esse emergente profeta angariava muitos seguidores,

como ele escandalizados com a cooperação dos sacerdotes do Templo aos invasores romanos.

l) Como a participação de Judas nos acontecimentos que culminaram na captura de Jesus é completamente desnecessária, é possível inferir que esta se deu na forma em que se costumam realizar as prisões de delinquentes procurados: súbita e surpreendentemente.

m) A captura desonrosa de Jesus, que precisava ser elidida da memória coletiva, provavelmente levou à criação do mito da traição. A par dos motivos indicados na alínea "c", *supra*, a traição permitiu a representação de Jesus como o Messias Salvador — o Cordeiro de Deus — que é *entregue* por um dos seus guardiões para a remissão dos pecados.

n) É muito provável, portanto, que Judas Iscariotes não tenha realmente traído Jesus.

INDICE ONOMÁSTICO E DE MATÉRIAS

(Os números referem-se aos itens e subitens.)

Abraão 3.3

Absalão 6.2

Almeida, João Ferreira de 2.3

Antigo Testamento 2.3

Apóstolos 1.1, 2.2, 2.3, 3.1

Aquitofel 2.2, 6.2

Aristides de Atenas 2.3

Brown, R. E. 3.1

Celso 3.1

Chevitarese, André Leonardo 1.2.2, 2.3

Cohn, Haim 1.4.2, 3.2

Critério da multiconfirmação das fontes (ou da atestação múltipla) 3.1

Critério do constrangimento (ou da dissimilaridade) 3.1

Dacanal, José Hildebrando 3.1

Davi 1.2.1, 3.1, 6.2

Deicídio 1.3

Ehrman, Bart D. 1.4.2, 2.3, 3.1, 3.2

Flávio Josefo 5.2.4, 5.3

Filho do Homem 1.1

Gibson, David 1.3

Goguel, 1.4.2

Herodes Antipas 2.3, 5.2.4, 5.2

Irineu de Lião 2.2

Isaac 3.3

Jacó 1.2.1

Jesus

— Abandonado pelos apóstolos 3.1, 4.2

— E o anúncio da traição 4.1

— E a descendência davídica 2.3, 3.1, 6.2

— E a figueira amaldiçoada 3.1

— E o Filho do Homem 1.1

— Messias 1.4.2, 1.6, 1.4.2, 2.2, 2.3, 3.1, 3.2 (em nota de rodapé), 3.3, 5.2.2, 5.2.5,6.2, 6.3

— Missão em Jerusalém 5.2.4

— Pregador escatológico 1.1

— Prisão 1.6, 4.2, 5.1. 6.1 7

— Profeta apocalíptico 1.1

— E a purificação do Templo de Jerusalém 5.2.5, 6.1

— Soberano do Reino de Deus 1.1

João, apóstolo de Jesus 4.1

João Batista 1.1, 3.1

José, pai de Jesus 1.1, 3.1

Judá 1.2.1

Judas, outro apóstolo de Jesus 1.2.1

Judas, irmão de Jesus 1.2.1

Judas Iscariotes
— E o antissemitismo 1.3
— Confidente de Jesus 1.1
— Como deicida 1.3
— Filiação 1.1
—Juiz de uma das tribos de Israel 1.1
— Morte 1.5, 2.2
— Nome 1.2
— Objeto de ódio 1.3,6.4
—Participação no episódio da prisão de Jesus 3.2,
— Qualidades 1.1 e 7
— Seguidor de Jesus 1.1
— Como traidor de Jesus 1.3, 1.6
Kausner 1.4.2
Kremers Heinz 1.4.2
Lémonin, Jean-Pierre 5.2.5
Loisy 1.4.2
Lopes, Reinaldo José 3.1
Malco 4.1
Maria, mãe de Jesus 3.1
Mateus, apóstolo 2.2
McKinley 1.3
Moisés 3.1
Morais, Vamberto 1.2.2, 1.4.2, 3.2

Papias 1.3.5

Páscoa 5.2.1

Paulo de Tarso 1.4.1, 2.1, 2.3

Paulus 1.4.2,

Pedro 2.2, 4.1

Petitfils, Jean-Christian 1.2.2, 2.3, 3.1

Pilatos, Pôncio 3.1, 2.2, 5.2.4

Prisão de Jesus 1.6, 4.2, 5.1, 6.1 7

Purificação do Templo de Jerusalém 5.2.5, 5.3, 6.1, 7

Rancé 1.2.2, 1.4.2, 6.2

Ratzinger, Joseph (Papa Bento XVI), 1.3, 3.1

Reino de Deus 1.1, 1.3

Schulthess 1.2.2

Simão Iscariotes, pai de Judas 1.1, 1.2.2

Sinédrio 1.4.2, 5.2.1

Smith, Benjamin 1.1.2

Stegemann, Wofgang 1.4.2

Tácito, Cornélio 3.1

Templo de Jerusalém 2.2, 5.2.5

Tiago, irmão de Jesus 2.2, 2.3

Tiago, filho de Zebedeu 2.3

Tomé, apóstolo de Jesus 5.2.2

Traição

— Anúncio 4.1

— Motivos 1.4, 7

— Motivos indicados pelos evangelistas 1.4.1

— Motivos indicados pelos historiadores 1.4.2

— Narrativa 2.2, 4.1

Valdés, Ariel Álvarez2.2, 2.3

Vermes, Geza 2.3, 4.2

Wellhausen 1.2.2, 1.4.2

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEVITARESE, André Leonardo. *Da Traição à Morte de Jesus de Nazaré. Em torno de Judas Iscariotes*. Jesus de Nazaré: Uma Outra História. São Paulo: FAPESP, 2006.

_____. *O Tema da Traição na Documentação Antiga e o Recém Descoberto Evangelho de Judas.* Revista Jesus Histórico – vol 1. 2008. http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/antigos.html. Acesso em 24 maio. 2019.

DACANAL, J. H. *Jesus e as Origens do Ocidente*. Porto Alegre: BesouroBox, 2014.

EHRMAN, Bart D. *Como Jesus Se Tornou Deus*. São Paulo: Agir, 2014.

_____. *Jesus Existiu ou Não?* Rio de Janeiro: Leya, 2014.

_____. *Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?* Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

GIBSON, David; McKinley, Michael. Em Busca de Jesus. São Paulo: Fontanar, 2015.

LOPES, Reinaldo José. *Deus: Como Ele Nasceu*. São Paulo, 2015.

LOHFINK, Gerhard., *Jesus de Nazaré*: Petrópoles, 2015.

MEIER, John P., *Um Judeu Marginal.* Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MORAIS, Vamberto. *O Mistério de Jesus: Cristo à Luz da Religião e da História*. São Paulo: IBRASA, 1999.

PETITFILS, Jean-Christian. *Jesus: A Biografia*. São Paulo: Benvirá, 2015.

RASTINGER, Josef. *Judas Iscariotes e Matias*. http://www.hermanubis.com.br/. Acesso em 24 maio.2019.

ROBINSON, James M. (org). *A Biblioteca de NagHamadi.* São Paulo: Madras, 1998.

RANCÉ, Christiane. *Jesus*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

RENAN, Ernest. *Morte de Jesus.* Correio da Manhã (RJ), edição de 21 de abril de 1905, p. 1.

STEGEMANN, Wofgang. Jesus e o seu Tempo. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

TÁCITO, Cornélio. Anais. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc.,1950.

VALDÉS, Ariel Alvarez. *¿Qué sabemos de la Biblia?*, Buenos Aires: Editorial San Pablo, 2007.

VERMES, Giza. *A Paixão*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. *Ressurreição*. Rio de Janeiro: Record, 2007.